

# REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 4

Abril de 1919

Ano LXXI

Director, proprietario e editor — Empresa da *Revista Militar*

Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL  
pertencente a *Coelho da Cunha Brito & C.ª* — Rua do Diario de Noticias, 78 — Lisboa

## A conquista da Africa Oriental Alemã

### Operações em 1916

(Continuado de pag. 144)

O general Northey chegou ao Nyassaland em Fevereiro de 1916, começando a sua ofensiva em 25 de Maio, com duas colunas constituídas por tropas indigenas com efetivos de dois a quatro batalhões, metralhadoras e uma bateria em cada columna. Devido ás dificuldades da zona de operações em terreno montanhoso e com uma linha de comunicações tão extensa quanto deficiente em recursos, estas tropas tinham uns efectivos muito variaveis e frequentemente rendidos. Nas suas operações em 1916 podem considerar-se dois periodos: o primeiro até á tomada de Tabora, em que nesta zona de operações de Sudoeste, as forças brítanicas conseguiram varrer diante de si as forças alemãs avaliadas em quatro companhias, que na sua defensiva de retirada abandonaram uma das peças de 10,5 centímetros do Koenisberg; no combate mais importante desta fase em 24 de Julho, onde os alemães sofreram 150 baixas e deixaram numerosos prisioneiros, retiraram as forças alemãs na direcção Nordeste, e parecendo até fins de Outubro pelas direcções que as tropas alemãs tomavam na sua defensiva de retirada, que o eixo da defesa seria o caminho de ferro central.

Porém depois da tomada de Tabora, as tropas alemãs, que tinham defendido esta cidade retiraram para Sueste, vindo cair sobre as forças do general Northey, que então se encon-

traram numa situação crítica da qual se saíram brilhantemente, apesar de terem ao principio sofrido algumas perdas, das quais a mais importante foi a morte do tenente coronel Baxendale em 23 de Outubro, numa emboscada preparada pelos alemães, e onde os ingleses tiveram 33 baixas, perdendo ainda uma semana depois um capitão morto, 50 prisioneiros e duas peças, mas em 27 de Outubro já nesta segunda fase das operações do general Northey em 1916, voltavam as operações a ser favoráveis ás tropas britannicas, que socorrendo as localidades atacadas pelos alemães, conseguiram repeli-los com importantes baixas retomando ao inimigo uma das peças perdidas, e em 25 de Novembro aprisionando-lhe 7 officiais, 47 europeus e 249 askaris além de um obuz de 10 centímetros, que fazia parte da bateria de quatro recebida pelos alemães da Europa em 1915.

As forças do general Northey estabeleciam então ligação com a coluna Van Deventer ao Sul da linha ferrea central, em Iringa, mas as tropas alemãs já tinham conseguido concentrar-se a Sueste da sua antiga colonía, entre os Rios Rufiji e Rovuma, junto da fronteira portuguesa. O general Smuts visitava Iringa em fins de Novembro, sendo projectado, conforme se publicou nos seus relatorios, um movimento combinado para apertar as colunas envolventes, sendo mandados seguir reforços para o general Northey, os quais embarcaram em Daressalam em Outubro, transbordando para a via fluvial do Zambeze e depois continuando a marcha por terra até ao Lago Niassa, seguindo por via maritima até ao Norte do Lago e depois por via terrestre para Songea, delimitando por Oeste, com estas tropas a reduzida zona de operações, onde se tinham concentrado as tropas alemãs.

Mas as chuvas de Dezembro, paralisaram os movimentos dos generais Van Deventer a Noroeste, e Northey a Sudoeste, que limitaram a sua acção ao serviço de patrulhas, não chegando a ser feita por Oeste a ligação com as forças portuguesas, ainda que, destas passasse para o Norte do curso medio do Rovuma uma coluna sob o comando do capitão Leitão.

Relativamente á acção dos portugueses em 1916, apesar de sómente em 9 de Março desse ano, ter sido declarada a guerra a Portugal pela Alemanha, já algumas incursões tinham

sido feitas em territorio português, entre o Rio Rovuma e o Lago Niassa além do massacre já referido do posto militar de Maziua em 1914.

Quando foi declarada a guerra, o destacamento mixto expedicionario, que sob o comando do tenente coronel Moura Mendes se encontrava em Porto Amelia, avançou para o Rio Rovuma e apossou-se em 10 de Abril da região do Quionga, marchando por caminhos indigenas encharcados e guarnecendo com postos militares a margem Sul do Rio. Em 27 de Maio o destacamento reforçado com forças da Província de Moçambique e cooperando com o cruzador «Adamastor» e canhoneira «Chaimite», tentava a passagem do Rovuma junto á Fabrica, existente na margem Norte pouco a montante da foz, mas as colunas ao atravessarem o Rovuma, foram detidas pelo fogo mortífero das metralhadoras alemãs, e não podendo alcançar a margem oposta retiraram para a margem Sul, que continuaram guarnecendo com postos militares, que os alemães algumas vezes atacaram, sendo repellidos com perdas, enquanto as nossas forças bem entrincheiradas pouco sofriam do inimigo, mas muito do clima.

Em 5 de Julho as forças portuguesas eram reforçadas por uma expedição da metropole sob o comando do general J. C. F. Gil, e após uma laboriosa preparação de toda a especie, fazendo surgir uma base marítima num local pantanoso e assoriado, e procedendo á evacuação de doentes da expedição anterior, atravessava o Rovuma sob o comando directo do referido general junto a Namoto. em tres colunas de batalhão com metralhadoras, passando de madrugada, sob a protecção da artilharia, a coluna de juzante em jangadas e as duas outras a vau, evacuando os alemães os seus entrincheiramentos, enquanto uma outra coluna destacada atravessava na antevespera o rio a 40 k. da foz, tendo havido um forte tiroteio com os indigenas, que cobriam a marcha <sup>1</sup>.

Estabelecida uma testa de etapes na Fabrica, e ocupada

<sup>1</sup> Na Ordem de Serviço n.º 36 de 1916, o general português determinava:

— «Que tendo-se realizado no dia previamente marcado a operação de guerra «passagem do Rio Rovuma», ainda que sem resistencia, pelas forças adversas terem abandonado os seus entrincheiramentos, louvo todas as forças

a faixa de terreno garantindo a margem Norte, onde se estabeleceram alguns postos militares, construída uma ponte, reparou-se a estrada e fez-se a ligação telegráfica com as forças britânicas, que recentemente tinham ocupado Mikindane, sendo projectado, que a linha de operações junto ao litoral se deslocasse para o interior. Lançado pela margem Norte do Rovuma um forte reconhecimento, deu-se entre este e as forças alemãs um combate em Mahuta, mostrando estas ainda ocuparem a margem Norte do Rio Rovuma, cobrindo a direcção de Newala, conhecida como um centro de administração e recrutamento, sendo também a sede de uma missão religiosa. Reforçada a coluna portuguesa, que subia a margem Norte do Rovuma, prosseguiu a marcha para Newala, convergindo com um outro reconhecimento, que atravessava o Rovuma em Mocimboa do Rovuma, caminhando para o Norte de surpresa, enquanto uma passagem simulada a jusante, atraía as forças alemãs, que opunham grande tiroteio a esta finta.

Este reconhecimento, depois de um combate<sup>1</sup> na ribeira de Newala em 22 de Outubro, apossava-se dos poços que abastecem o fortim da localidade, entrincheirando-se numa posição que os cobria, até á chegada da coluna, que subia pela margem Norte do Rovuma, em 26, dia em que foi ocupado o fortim, retirando os alemães depois de um curto combate das artilharias adversas, quando viram o desenvolvimento das

sob o meu comando pela dedicação com que cumpriram as ordens, apesar de todas as deficiências e dificuldades que surgiram.

A engenharia pelo esforço com que facultou a coberto a passagem por jangadas e mais trabalhos da sua especialidade; a artilharia e metralhadoras pela tenacidade com que conseguiram transportar o seu material por caminhos arenosos; a cavalaria pela improvisação com que substituiu os seus arreios afundados ao desembarque; a infantaria pela disciplina dos seus avanços simultâneos de madrugada, em vaus acima da sua capacidade regulamentar, e pela entrada em jangadas por uma vertente escarpada; e todos os demais serviços das tropas pela provada dedicação, que manifestaram cooperando nesta operação».

<sup>1</sup> Neste combate foi evidenciada a boa instrução de duas companhias indígenas, comportando-se no fogo os Macuas a par dos Landins, que são considerados os nossos melhores soldados indígenas. Dias antes já num concurso de tiro se salientara a emulação, e neste combate ambas as raças se portaram brilhantemente, carregando á baioneta entoando canticos guerreiros, como consta das Ordens de Serviço de 1916.

forças portuguesas envolvendo o fortim, que as forças alemãs antes de abandonarem fizeram explodir parcialmente, abandonando também algum material, entre o qual modernas granadas de mão, recebidas em 1915 da Alemanha pelo navio que iludiu o bloqueio.

Entretanto procedia-se á organização da linha de comunicações, com o fim de estabelecer um deposito em Newala, e as tropas avançarem para as novas etapas de Massassi e Lukuledi <sup>1</sup>.

Abertas as estradas para automoveis, estabelecidas as ligações telegraficas por fio e sem fio, concentrados em Newala um mes de viveres e os abastecimentos proporcionais para as forças portuguesas, que deviam avançar, prosseguindo um movimento já iniciado com os sacrificios derivados da deficiencia de recursos para a guerra, em Portugal e em todos os mercados; bem como da urgencia, que então avultava, de não se perder a oportunidade, em honrar a nossa participação naquela campanha, quando todas as informações indicavam a proxima rendição das forças alemãs, rapidamente desalojadas de toda a parte valiosa da sua antiga colonia, no decurso das operações de 1916, e encurraladas no recanto a Sueste, insalubre, mal conhecido e sem recursos, a coluna portuguesa marchou de Newala para Massassi; porém as forças alemãs procuraram interceptar-lhe a marcha em Kiuambo, onde depois de um demorado combate, em 8 de novembro, o inimigo foi repellido com numerosas perdas, mas sendo mortalmente ferido o comandante da coluna major Leopoldo da Silva, as forças portuguesas entrincheiraram-se não proseguindo a marcha.

Por sua parte os alemães procedendo a uma concentração de forças, obrigavam a coluna portuguesa a recuar sobre Newala, e depois de um combate, em que também primeiramente se apoderaram da agua da Ribeira de Newala em 22 de Novembro, e tendo anulado o esforço de uma coluna de socorro portuguesa, cercaram o fortim, que as forças portuguesas, por falta de agua, abandonaram no noite de 28, com perdas minimas, iludindo o cerco.

<sup>1</sup> Veja-se croquis publicado na «Revista Militar», n.º 1 de 1918.

Dispondo então os alemães de uma peça de 10,5 centímetros do Koenisberg, o que põe em evidencia a importancia dos recursos concentrados contra os portugueses, aqueles bombardeavam certeiraente em 1 de Dezembro, da margem Norte do Rovuma, o posto militar de Nangadi, situado cerca de 6 kilometros ao Sul do Rovuma, onde se tinha estabelecido um deposito da linha de comunicações, cortando assim esta linha e paralisando a ofensiva dos portugueses.

Alguns outros ataques e emboscadas foram ainda feitos pelo inimigo á nossa linha de comunicações, algumas vezes com menospreso dos principios internacionais, como se salientou numa emboscada de noite, onde foi espingardeado o automovel em que recolhia á base de operações, depois de ter desempenhado o serviço de parlamentar, o capitão Ferreira da Silva, vitima desse atentado aos mais rudimentares principios do direito internacional do qual aliás se procurou desculpar o oficial comandante da força inimiga, libertando desde logo, o interprete e um oficial ferido, sobreviventes da emboscada, que vitimou tambem o chauffeur do automovel e um capataz de estradas. Tambem numa cisterna do fortim de Newala foi encontrada uma lata de estriquinina, e num ataque a um comboio de carregadores em 15 de Agosto<sup>1</sup>, alguns indigenas mortos tinham os corpos dilacerados pelas baionetas inimigas, barbaridade escusada e semelhante á que o inimigo já fizera tambem a tropas britannicas.

Em 15 de Dezembro de 1916, começava a epoca das chuvas na região, sendo tão torrenciais, que as aguas do Rovuma logo subiram, constituindo um obstaculo intransitavel, circunstancia que, foi imediatamente aproveitada, para se recuperarem os postos da margem sul do Rovuma, apesar do esgotamento de forças; mal de que tambem enfermaram as forças britannicas, e fez prolongar a campanha mais dois anos, não obstante, a clarividencia do general Smuts ter previsto, que a campanha ao Sul, deveria ser feita por tropas indige-

<sup>1</sup> Nesta emboscada a escolta do comboio foi rapidamente socorrida pelos dois postos militares portugueses visinhos nas margens do Rio Rovuma, sendo o inimigo perseguido e obrigado a desmascarar um vau do Rovuma, que foi logo reconhecido de noute e aproveitado na ofensiva do mês seguinte.

nas, as quais porem somente forem fornecidas no ano seguinte pelo Imperio Britanico.

As operações relativas á passagem do Rio Rufiji, á viva força, pelas tropas britannicas, constituia um brilhante feito de guerra, mas as forças estavam esgotadas, não podendo ir mais alem na perseguição do inimigo, que conseguia reter em seu poder uma pequena parcela a Sueste da sua antiga colonia, retemperando-se para reorganizar as suas tropas e prolongar a resistencia, sob o comando do seu notavel chefe o coronel Von Lettow, agraciado pelo Kaiser em 1916 com a ordem "pelo merito".

As dificuldades desta fase da campanha foram salientadas pelos relatorios do general Smuts publicados na "London Gazette" dizendo o relatorio datado de 27 de Outubro: — "a campanha ter sido conduzida num clima tropical, que que não só causa fadiga e incapacidade fisica, mas ainda acarreta frouxidão e enfraquecimento mental, finalmente desanimando os mais intrepidos". A média dos doentes brancos hospitalizados, atingia 3.400 praças e 150 officiais mensalmente, confirmando tais afirmações.

Como detalhe tipico e estatistico, devemos tambem citar dos relatorios publicos, salientando a acção mortifera do clima, — «que uma coluna britannica, marchando de Morogoro, no caminho de ferro central, em direção ao Rio Rufiji, em Novembro, viu o seu efectivo de mil cavalos reduzido a noventa no decurso de seis semanas».

Curioso é ainda observar o ponto de vista, pelo qual a historia da guerra do "Times" aprecia a cooperação portuguesa a pag. 431 vol. 13, dizendo: — "O esforço militar de Portugal na campanha da Africa Oriental foi proporcionado aos seus recursos disponiveis. Em Abril de 1916 as tropas portuguesas apoderaram-se de Quionga, a mais importante povoação na pequena area ao Sul da foz do Rio Rovuma, e que constituia parte da colonia alemã. Mais para o interior uma força portuguesa atravessou o Rovuma em Setembro de 1916, procedendo com algum successo, mas em Dezembro foi obrigada a retirar para a retaguarda do Rovuma, renovando a offensiva nos ultimos días do ano.

Depois os portuguezes, não tiveram forças bastantes para deter as incursões, que os alemães fizeram em Maio de 1917,

partindo do interior da zona de Quiloa a Lindi. Uma incursão penetrou profundamente no território português, e então, uma coluna britânica foi organizada para lhe fazer frente, esta coluna avançou de Fort Johnston, ao Sul do Lago Niassa, e em Agosto de 1917, a incursão alemã foi obrigada a retirar, repassando o Rovuma.

«A cooperação portuguesa na campanha da Africa Oriental, não era porem somente valorizada pelas operações nas margens do Rovuma. Pela sua participação na guerra, o magnifico porto de Lourenço Marques, ficou á disposição do governo inglês, e os navios alemães ali internados tornaram-se disponiveis para os serviços de transportes.

«Mais ainda, tiveram fim, as intrigas alemãs em Moçambique, e os alemães na Africa Oriental ficaram privados de toda a probabilidade de imitar o exemplo dos seus camaradas da colonia alemã de Camarão, na Africa Equatorial, onde evitaram serem aprisionados, por retirarem para o territorio neutral constituido pela visinha colonia espanhola.»

(Continúa.)

E. A. MARTINS

Ten. coronel



## O segredo da Vitória

(Continuado de pag. 154)

### Quem não prepara a «Vitória» só pode esperar a «Derrota»

Mostrámos como nas guerras coloniais o «Segredo da Vitória» está apenas numa sabia preparação, porque, quanto mais cuidada ela houver sido, a mais detalhes se tiver desido, procurando o mais possível evitar ou corrigir os prejuízos do Imprevisto, tanto mais facil será a execução, e esta facilidade virá a traduzir-se no alcance do objectivo traçado.

Mas quando tal se não faça, quando, pelo contrario, a *preparação* não haja sido planiada deixando apenas á *execução*, o que equivale a dizer *ao acaso*, o alcance do objectivo, então a «Vitória» será substituída pela «Derrota» ou, nos casos mais felizes, por uma acção apagada, nula, sem brilhantismo.

Foi o que nos succedeu em Moçambique.

E succedeu, porque confiámos demasiado na boa estrêla que tem presidido ás nossas acções militares nas colonias, quando apenas dirigidas contra indigenas, esquecendo-nos de que em Moçambique a campanha ía ser tratada contra uma colonia alemã, onde de prever era existirem bons elementos para comandar e bons soldados para obdecer, onde era de calcular, estava de ha muito, como na Europa, a guerra preparada.

Mas nós, pelo contrario, nesta eterna boa fé, jamais desconfiámos do visinho que tínhamos, e, quando nos propuzemos ir fazer a guerra a sua casa, mal conheciamos a sua organização interna, os effectivos ali existentes, com o que se poderia contar, finalmente.

Apenas informações vagas e deficientes, e tão vagas e

deficientes que viemos a assistir ao estranho caso de umas dezenas de brancos, comandando uns milhares de indígenas, mas soldados tão bons ou melhores que os europeus, poderem resistir, isolados do mundo, durante tres anos, a uma verdadeira caça, cercados como feras no seu covil, e, quando não poderam, por falta de viveres e abastecimentos, manter-se no seu territorio, virem, em territorio inimigo — o nosso — procurar o que lhes faltava, transferindo para cá o teatro das operações, pilhando, ora aqui, ora ali, estabelecendo a desordem e a desconfiança nos nossos elementos indígenas, escapando-se pelas malhas da rede em que pretendiamos envolvê-los, executando *raids* andaciosos, sofrendo perdas importantes nos seus efectivos, mas resistindo sempre, como se um espirito diabolico os guiasse, conseguindo, por vezes, infligir derrotas graves ás tropas que se lhes opunham. É este, ainda que mal traçado, o quadro da campanha do Leste Africano que só terminou pela assinatura do armistício na Europa.

Para que tal conseguissem é porque os alemães estavam de ha muito preparados para a guerra em Africa, e nessa orientação continuaram e persistiram já depois de rôtas as hostilidades e do início da guerra na Europa.

Prova-o bem o facto de termos apreendido, em Kionga, se não estou em erro, em 1916, armamento e equipamento alemães, que saíram das fábricas já depois da declaração de guerra e do início do bloqueio marítimo, que lhes fôra imposto!

Agora vejamos o contraste da preparação entre nós efectuada.

Elucida-nos bem o relatório do combate de Nangadi efectuado em 1 de agosto de 1916 e elaborado pelo official que o dirigiu, o capitão de infantaria Francisco Pedro Curado, a quem presto neste lugar a minha homenagem pela forma brilhante como soube distinguir-se por diferentes vezes nas operações de Moçambique.

Era o reducto de Nangadi um dos baluartes da vigilância na fronteira.

Nomeado para assumir o seu comando ali se apresentara o capitão Curado, na vespera, em 31 de julho, quando indício algum indicava o ataque que se lhe preparava..

Compunham a guarnição do reduto graduados e praças da 21.<sup>a</sup> comp.<sup>a</sup> indígena de infantaria, da comp.<sup>a</sup> indígena dos territorios e do Corpo de Polícia.

Guarnição mixta, como se vê, a qual nenhum conhecimento tinha do official que assumia o seu comando, assim como este nenhum tambem o tinha dos seus subordinados, do seu valor, das suas qualidades militares emfim.

As informações que colheu dos officiais, foram, porem, desde logo pouco animadoras, para quem, como ele, assumia o comando dum posto de vigilância da fronteira.

E a informação resumia-se apenas a isto: os soldados indigenas não mereciam confiança alguma, porque, quando em serviço de vigilância na margem do Rovuma, sistematicamente fugiam, sem resistencia, á vista de qualquer patrulha de reconhecimento inimiga!

No dia seguinte—1 de agosto.—pelas cinco e meia horas da madrugada era dado o sinal de alarme pela chamada, á pressa, pelo alferes Antonio Maria, das tropas que se encontravam fóra do reduto.

O que era? O que havia? Inquiria-se. Eram os alemães que avançavam a coberto, e cortavam já a linha telegrafica, sem que as vedetas deles se tivessem apercebido e dado ao menos o sinal de alarme!

Não se intimidou, porém, o capitão Curado. Official já experimentado nas campanhas coloniais immediatamente tomou as suas disposições para a defesa, e, dividindo a guarnição pelas faces do reduto, ordenou a saída duma força do comando do tenente Reis Pereira, com 2 cabos europeus e 15 indigenas, a fim de barrar o avanço inimigo pela estrada do Mocimboa do Rovuma e ao mesmo tempo obstar à continuação da destruição da linha telegrafica impedindo, assim, o ataque á face da frente e tomada da testa das estradas Mocimboa Pundanhar a Mocimboa do Rovuma. Esta força conseguiu ainda avançar uns 300 metros, mas a breve trecho, em face do movimento desenvolvido pelo inimigo a coberto do mato, era obrigada a retroceder um pouco e ocupar uma trincheira que batia o avanço pela estrada Mocimboa do Rovuma, evitando, assim, ser batida de flanco, obrigando por esta forma o atacante a desenvolver o seu ataque somente sobre a retaguarda, salientes contíguos e meia face esquerda.

Ao fogo do inimigo respondeu logo aquela força do tenente Reis Pereira.

Iniciou-se o ataque apenas pelo fogo de infantaria inimiga, feito perfeitamente a coberto do mato, de modo que a defesa era impossivel orientar a sua direcção, mas em breve as metralhadoras inimigas entravam em acção, tambem a coberto.

O seu crepitar incessante amedrontou de tal modo os soldados indigenas, que nem por ameaças ou pancadas se conseguia deles pontarias eficazes.

Com a cabeça escondida atrás do parapeito, face á retaguarda, de olhos fitos no capitão Curado, os indigenas só tinham um fim — despejar cartuchos — como quem procurasse estontear-se no barulho da fusilaria!

Isto levou o capitão Curado a mandar colocar sobre o parapeito todos os sacos da ração de indigenas e de carregadores, conseguindo, assim, que com um pouco mais de animo e com a cabeça a coberto, os soldados dessem ás espingardas, ao menos, a direcção do inimigo.

Vendo-se, porém, que o inimigo não arredava pé, e que o consumo de munições era exagerado, foram dadas ordens terminantes para cessar fogo, que, pouco depois, passou a executar-se sómente na face da retaguarda á ordem já do capitão Curado e por descargas sucessivas.

A' acção enérgica dêste official os indigenas, recobrando um pouco mais de animo, puderam, já de pé, executar um pouco mais regular e eficazmente o fogo, que dentro em breve produzia efeitos salutaes, obrigando o inimigo a retirar.

Durou o ataque perto de 4 horas não podendo o inimigo ser perseguido, visto que o tenente Reis Pereira fôra ferido e o alferes Antonio Maria, convalescente de uma operação que havia feito, não possuia o vigor físico para a execução de uma tal acção.

Estava, enfim, passado o grave lance porque a guarnição do pequeno reduto havia passado, e só por felicidade se podem considerar obtidas as vantagens sobre o inimigo, obrigando-o a retroceder, pois que as condições da defesa eram as mais precárias possiveis.

Além do nulo valor, como tropa, dos soldados indigenas, que, como se viu durante o atáque, não executaram o fogo

devidamente, possuídos dum terror supersticioso, quereis saber em que condições se encontrava o armamento Kropatscheck que lhes fôra distribuído?

Ao iniciar-se o combate logo se notara que, devido ao seu já muito uso e á sua dilatação, as culatras das KK. não abriam, sendo necessário empregar homens em todas as faces distribuindo petróleo para lubrificação e munidos de dois martelos para abrir as culatras mais renitentes!

Muitos dos cartuchos falhavam devido ás molas dos percutores terem já perdido a sua força, e, como fosse pólvora negra a empregada, o fumo ao mesmo tempo que impedia a defesa de observar a direcção donde vinha o fogo inimigo dava a êste, em compensação, indicações precisas sobre a nossa organização defensiva.

Nada ha melhor, por certo, para levantar durante o combate o moral de forças, do que estarem elas munidas de espingardas, que, quasi a cada tiro, teem de ser untadas de petróleo e abertas á força de martelo!

Nada ha melhor, por certo, para dar a uma tropa confiança no seu próprio valor, do que muni-la de espingardas cujos percutores falham, bastando um simples descuido para as tornarem em elementos de morte, não para o inimigo, mas para aqueles que as possuem!

Isto, que é grave para uma tropa europêa, assume fóros de excepcional perigo para soldados indigenas, que em tudo veem *fetiche*, podendo tornar-se, num momento dado, causa de sérios desastres, transformando a defesa melhor preparada numa derrota ou massacre.

Se não estivesse á frente do posto de Nangadi um official experimentado e valente, quantos desastres poderia ter originado o ataque alemão!

Continuemos ainda:

Mostra-nos o relatório de que estamos tratando que, findo o tiroteio, vieram a Nangadi delegados dos 5 postos de observação montados nas margens do Rovuma, que faziam parte do respectivo sector, inquirir do que se havia passado, visto que eles não tinham notificado a passagem, entrando ou saindo, de qualquer força inimiga.

Bela vigilancia, não haja dúvida, e mais acertada defesa!

Não admira, diz-nos o capitão Curado, a menor distancia

entre os referidos postos era de 3 quilómetros, o espaço entre eles existente completamente coberto de mato, e o Rovuma, dando áquella época vau em toda a parte, não impunha ao inimigo a necessidade de utilizar os pontos de passagem, forçados até então, e, como tais, únicos vigiados.

O que se não comprehende é que sendo aquella região povoada, trilhada pelos nossos indigenas, nenhum deles visse a coluna, quer na vinda quer na retirada, ou que tivesse tido a lembrança de avisar os postos, quando éra positivo os alemães saberem com precisão absoluta todos os nossos movimentos e passos.

Só o acaso permitiu, que em Nangadi a guarnição não fosse colhida de surpresa. Foi ele devido a um carregador haver ido a distancia satisfazer uma necessidade e ter podido escapar e fugir a um tiro e á uma sabrada que o atingiram.

Sempre a boa estrela a proteger o nosso descuido e os nossos erros!

Os factos que apontamos, que são extrahidos dum relatório official, despretençioso e simples, aliás, são a prova mais cabal e flagrante da grave falta cometida não tendo efectuado uma prévia e perfeita preparação da guerra colonial que pretendiamos levar a cabo.

Houvessem as tropas indigenas, organizadas á pressa em Moçambique, recebido uma sólida instrução; tivessem elas sido dotadas com quadros rigorosamente seleccionados, que estabelecendo uma mutua e reciproca confiança entre o commando e subordinados, podessem transformar em tropas de élite, o que não era mais do que uma reunião de negros; houvesse-lhes sido distribuido armamento capaz em que as praças podessem ter confiança, sentindo-se com elas aptas a praticar os maiores feitos, e certamente muitos dos desastres, que sofremos em Moçambique, teriam sido substituidos por vitórias, ou quando menos, por uma defesa eficaz e brilhante.

Mas como poderiam aquellas tropas cumprir a sua missão se elas dêsse nome não eram dignas?

Todos sabem e conhecem as multiplas vantagens que advem para o bom exito de uma expedição colonial do conveniente emprego de tropas indigenas.

Como soldados, servem de esclarecedores, marcham na

guarda-avançada, fazem reconhecimentos e preparam as estradas.

A sua morbidez, menor quatro ou cinco vezes que a dos europeus, a sua adaptação ao clima, a relativa imunidade ás epidemias, e por outro lado as suas poucas exigencias fazem com que pelo emprego, em larga escala, do elemento indigena, se possa ter mais combatentes, menos doentes e menor impedimenta.

Galieni, o grande general francês e pacificador de Madagascar, bem preconiza o emprego das tropas indigenas quando *bem instruidas e enquadradas*, porque as qualidades militares não são apanagio exclusivo da raça branca.

Mas o seu emprego está sujeito a regras fixas e imutaveis, que é imprescindivel, como condição de successo, cumprir á risca.

E entre essas regras duas ha essenciais: bons quadros europeus e sólida instrução.

Sem estes dois elementos as tropas indigenas poderão tornar-se causa de graves desastres e para que a instrução seja proficua tem de ser ministrada *a tempo* e com *método*, o que implica uma constituição anteriormente feita e não o levantamento das tropas na ocasião precisa.

A história das campanhas coloniais mostra-nos que é um erro organizar, á pressa, tropas indigenas para uma entrada em campanha.

Um dos muitos exemplos, ao acaso tomado, é edificante a tal respeito.

Durante a primeira guerra contra os ashantis, em 1873-1874, o governo inglês aceitou o oferecimento do capitão Glover, antigo governador de Lagos, para levantar as tribus orientais do protectorado e fazer um ataque demonstrativo sobre a retaguarda das forças ashantis.

O capitão Glover possuía a confiança daquelas tribus, conhecia bem o seu character, qualidades e hábitos.

O seu oferecimento foi recebido em Inglaterra com júbilo, esperando-se que aquele official iria levar a guerra ao coração do território inimigo, antes da intervenção das tropas do comando de Lord Wolseley.

Chegando ao Cabo a 11 de setembro o capitão Glover conseguiu reunir a 22 de novembro 1600 homens armados,

numero que se elevava a 3600 homens dias depois e atingia 19.000 homens a 13 de Dezembro.

Reuni-los foi tarefa de relativa facilidade, mas o capitão Glover sofreu a decepção de serem infructiferos todos os seus esforços para conseguir pôr em acção aquele elevado efectivo.

Ele e os seus officiaes, escrevia Wolseley, deram cabais provas de uma rara energia e capacidade, mas haviam-se apoiado numa fraca rede, que se lhe rompeu entre mãos.

Somente a 10 de fevereiro o capitão Glover conseguiu chegar com 700 homens a 30 quilometros de Coomassie, onde teve conhecimento de termo das hostilidades!

Por ocasião da guerra da Zululandia Lord Chelmsford decidira empregar 6000 indigenas do Natal, que, rapidamente organizados nas vespersas das operações, foram divididos em 7 batalhões.

Após o desastre de Isandlana uma grande parte deste contingente indigena desertou, o que levou o comandante em chefe a comunicar ao War Office, que não se poderia contar mais com as tropas indigenas do Natal, sendo absolutamente necessario o envio de reforços inglezes para poderem prosseguir com successo as operações contra os zulus.

Não ha no entanto regra sem excepção.

Por vezes, tropas indigenas, levantadas na ocasião precisa, se tem portado com valor em campanha, contribuindo para o successo obtido.

Foi o que se deu com o batalhão de haoussas do corpo expedicionario a Madagascar, com os auxiliares sudanezes que entraram nas operações efectuadas contra Sikasso em 1898 e com as companhias de voluntarios senegalezes, recrutados, armados e instruidos, em menos de um mez, pelo coronel Dodds para a entrada da campanha do Dahomey.

Escusamos, porém, de ir buscar exemplos fóra, basta-nos os de casa.

Em todas as nossas campanhas coloniais as tropas indigenas tem cooperado em maior ou menor escala, e fartos exemplos ha de que unidades formadas por aqueles elementos indigenas se tem portado com valor, ou sido causa de desastres, conforme a sua maior ou menor preparação e as qualidades militares do pessoal europeu constitutivo dos seus quadros.

No seu relatório sobre a campanha do Barué em 1902, diz o valente Azevedo Coutinho.

«Os pelotões indígenas com quadros europeus são, a meu ver, a melhor infantaria para a guerra de Africa, talvez mesmo a unica, excepto em casos muito extraordinarios, que de futuro deva ser empregada.»

Sem exigencias de especie alguma, muito resistentes, corajosos, disciplinados e economicos, os soldados indígenas, *quando bem recrutados, instruidos e comandados* constituem unidades de absoluta segurança.»

Mousinho de Albuquerque, o grande militar e colonizador, no seu relatório sobre a campanha contra os namaraes diz:

«As companhia indígenas com quadros europeus podem vir a prestar muito serviço — a 1.<sup>a</sup> companhia, *posto os soldados tivessem pouquissimo tempo de instrução*, portou-se bem. *Mas são precisos quadros, sem isso nada se fará dos indígenas.*»

No seu interessante trabalho «A questão do Cuanhama» o saudoso Eduardo Costa, falecido tão prematuramente, occupando-se da composição da columna que no seu entender devia organizar-se para tratar de bater o Sul de Angola diz:

«Se nas tropas de etápe predomina o elemento indígena este não deve entrar, senão por pequena parte, na composição da columna de combate, propriamente dita, pois infelizmente Angola não possui tropa negra de confiança, *nem e possivel organiza-la num curto lapso de tempo.*»

Vê-se, pois, que bastariam os ensinamentos fornecidos pelos nossos tratadistas militares coloniais, para que ao organizarem-se as expedições a Moçambique *se soubesse o que havia a fazer.*

Porque não se fez? Porque — sempre a mesma causa — não havendo *preparação* e apenas *execução* o Ministerio das Colonias teve de se contentar.

- a) Com o levantamento de indígenas na propria ocasião;
- b) Com o armamento existente em Moçambique, gasto e estragado pelo uso, porque outro não era possivel obter;
- c) Com quadros de officiais, sargentos e cabos, fornecidos á pressa pelo Ministerio da Guerra, officiais e praças a quem, na maior parte, coube a imposição de serviço, ou, quando vo-

luntarios, excediam, havia muito, a idade para taes cometimentos ou, pelo contrario, não a tinham que fosse garantia sufficiente da sua resistencia e adaptação ao terrivel clima do teatro das operações.

Criaram-se junto dessas companhias indigenas secções de metralhadoras, cujo material o exercito metropolitano não podia fornecer, por o não possuir, o que levou a efectuar-se a sua aquisição e respectivo municamento em Inglaterra, operação que não foi isenta de contrariedades e demoras.

Isto pelo respeito ao material.

Com relação ao pessoal se dissermos que, á pressa, teve de se ministrar uma instrução intensa de metralhadoras, sobre o seu uso e pratica de tiro, aos officiais e praças, nomeados para a constituição dos respectivos quadros, que esta instrução foi demorada pela falta de pessoal instrutor e porque ao mesmo tempo se estava dando instrução ao pessoal destinado ao C. E. P, dificultando-se, assim, o embarque daquele pessoal, não faltaremos á verdade, porque foi assim que os factos se passaram.

Eis o que por cá se passava.

E em Moçambique?

Com dificuldades no recrutamento dos indigenas que tinha de ser limitado a determinadas regiões, feito com metodo e ordem, encontrando-se mil atritos para os armar e equipar, tendo-se de aguardar a chegada da metropole dos respectivos quadros, para se poder iniciar, com mais larguesa, a devida instrução, forçosamente a tropa negra assim formada não poderia possuir *nem cohesão nem espirito guerreiro*, sendo, apenas, um aglomerado de homens, onde, por vezes, o valor individual e de raça, poude atenuar a falta daquelas qualidades, tornando possivel dela fazer qualquer cousa de util e proveitoso.

Explicados aqui ficam os erros cometidos na organização das unidades indigenas que entraram nas operações de Moçambique, que tão felizmente se encontram retratadas no relatório do capitão Curado sobre o ataque alemão ao reduto de Nangadi.

Mui longas vão já as considerações que tenho vindo fazendo sobre este assumto, mui importante a meu ver, todas elas tendentes a provar que a acção apagada, que desape-

nhámos nas campanhas de Moçambique de 1915-1918, se deve, não á falta de valor militar dos oficiais e graduados e demais praças, que nelas entraram, mas propriamente aos inevitáveis erros e deficiencias de organização, porque, quanto aos primeiros, todos souberam sempre ser valentes, sobrios, e subordinados; quanto aos segundos, foram consecuencia dos apoucados recursos do país, da nula preparação havida, pela tibiesa e frouxidão da acção governativa, e tambem pela organização do C. E. P. para o qual convergiam todas as atenções, colocando em segundo plano a nossa missão em Africa.

Isto tudo constituiu uma série tal de obstaculos, atritos e dificuldades, a que o Imprevisto veio ainda juntar os seus efeitos, que loucos foram aqueles que puderam imaginar que, por tal forma, poderíamos vencer, levando ao territorio inimigo a guerra, que tinha de ser feita nas mais desgraçadas condições, como o foi.

Supôr-se que a condição de exito residiria apenas no numero de homens que da Europa mandassemos, é não fazer a mais pequena idéa de que seja uma guerra colonial, é, por outras palavras, possuir em vez do «Segredo da Victoria» o «Espírito da Derrota.»

Mas não nos iludamos, porem.

Tudo passa em breve, e sejam quais forem os ensinamentos colhidos destas campanhas que mui poucos terão ocasião de estudar, praticar-se-hão, amanhã, os mesmos erros, notar-se-hão as mesmas deficiencias agora apontadas, porque, apesar de tudo, somos *toujours gais*, como nos chamam os francezes, embora, por vezes, a alegria, que, nesta materia se traduz em insensatez, possa transformar-se em tragedia, em luto e em dôres.

EDUARDO BARBOSA

Tenent coronel

## COMO OS INGLESES RECRUTARAM E INSTRUIRAM OFICIAIS PARA O SEU GRANDE EXÉRCITO

Os leitores da *Revista Militar*, tiveram ocasião de ver como os Estados Unidos resolveram o difícil problema de improvisar oficiais para enquadrar um exército superior a 1.500:000 homens, rapidamente levantado<sup>1</sup>; podem agora conhecer como identico problema foi solucionado em Inglaterra e, comparando os processos adoptados e meios de que se lançou mão, apreciar qual das nações procedeu com mais seguro critério e deveria ter obtido melhores resultados, sob o ponto de vista da preparação profissional.

A avaliarmos por quanto temos lido e ouvido acerca de oficiais americanos e oficiais ingleses em exercício de funções durante a guerra, parece-nos que, na generalidade, os primeiros deviam exceder os ultimos em competencia profissional, embora a preparação daqueles nos campos de instrução, quer na America, quer em França, fosse forçosamente precipitada, de muito curta duração.

E a opinião geral dos nossos camaradas do C. E. P., regressados do *front* e que estiveram em contacto immediato com os ingleses, acerca da absoluta carencia de instrução militar e competencia profissional dos modernos oficiais do actual exército inglês, corrobora a nossa impressão. Entretanto o leitor formule juizo próprio, comparando o que leu acerca dos métodos americanos com o que segue acerca dos processos ingleses . . . que de modo geral se nos afiguram, por vezes, bem pouco metódicos. E a origem das informações é colhida em fontes identicas: relatórios dos adidos militares espanhois em Washington e em Londres.

<sup>1</sup> Vidé *Revista Militar*, n.º 12 de 1918 e n.ºs 1 e 2 de 1919.

Ao improvisar os seus novos exércitos, a maior dificuldade que a Inglaterra teve que vencer, além das inerentes a quartéis, fardamento, armamento e equipamentos, foi a criação dos numerosíssimos quadros de oficiais exigidos pelos enormes efectivos em armas, oficiais que tinham de receber instrução ao mesmo tempo que os soldados que deviam comandar, para serem imediatamente enviados para a zona de guerra e medirem ali as suas forças com um exército como o alemão, que contava tantos anos de excelente preparação.

Agravava ainda o problema, o facto de que, com as primeiras divisões idas para França, fôra enviada toda a officialidade disponível, assim como e para completar os quadros, todos os instructores das Academias militares, escolas de tiro, etc., de modo que, pode dizer-se, ao constituir os novos exércitos, a Inglaterra não dispunha para a instrução destes de nenhum official dos quadros activos, nem, para coadjuvar os officiais, de nenhum dos excelentes sargentos que o antigo exército inglês contava, pois todos haviam seguido com as tropas do marechal French.

Para remediar tal deficiencia e no que respeita aos postos superiores, foram adoptadas as seguintes soluções:

1.º—Para o comando das novas unidades, lançou-se mão dos officiais do exército regular que haviam ficado à frente dos depósitos das unidades enviadas para França, procurando-se assim que ao menos houvesse um official habilitado por cada unidade;

2.º—Afim de os empregar na instrução, aproveitaram-se algumas centenas de officiais do exército da India que se encontravam de licença em Inglaterra;

3.º Foram chamados de novo ao serviço activo os officiais reformados.

Dentre estes, muitos encontravam-se aptos para o serviço, devido não só ao facto de no exército inglês os officiais passarem ainda relativamente novos à situação de reforma obrigatoria, como ao dos vencimentos de reforma, depois de 25 anos de serviço, serem, muitas vezes, superiores ao soldo que percebiam no activo, o que levava muitos officiais a abondarem este logo que reuniam as condições exigidas para a reforma

além de que em Inglaterra a carreira de oficial quase, pode dizer-se, só estava aberta a individuos que desfrutavam de meios de fortuna, os quais lhes permitiam deixa-la com relativa facilidade.

Comquanto houvesse bastantes fisicamente aptos para o serviço activo, a maioria porem, como era natural, não se encontrava em condições de bem o desempenhar: muitos haviam perdido já, por efeito do tempo que contavam fora do exército, todos os habitos militares; outros, cujas condições fisicas lhes permitiam ser utilizados na instrução, não lhes consentiam contudo entrar em campanha acompanhando as tropas e acima de tudo existia para todos a dificuldade de haver mudado recentemente, e antes de começar a guerra, a organização e a instrução tanto da infantaria como da artilharia;

4.º—Concedeu-se o posto de oficial a muitos civís, maiores de 23 anos, principalmente para os corpos técnicos, aproveitando os seus conhecimentos especiais;

5.º—Aproveitaram-se os officiaes que regressaram feridos, depois dos primeiros combates, officiaes que foram de grande utilidade, pois alem da instrução anterior possuíam já a experiencia da guerra actual.

Para preenchimento dos postos subalternos recorreu-se aos seguintes meios:

1.º—Para preencher as vagas nos corpos do exército regular, encurtaram-se os cursos nas Academias Militares de Woolwich e Sandhurst; ampliou-se o número de admissões e elevou-se o limite de idade para entrada, dos 19 para 25 anos.

O mesmo se fez no Royal Military College de Kenigston (Canadá) e nos de Quetta e Madrasta (India) tambem se concederam postos a candidatos procedentes de Universidades;

2.º—Concedeu-se o posto de oficial a certo número de sargentos reformados.

Embora os conhecimentos militares destes tivessem ficado bastante atrasados, contudo foram muito uteis para introduzir nos novos exércitos os principios de disciplina que, por assim dizer, encarnavam naquêle em que haviam servido;

3.º—Como os subalternos procedentes das duas origens anteriores mal chegavam para cobrir as baixas no exército regular e havia imediata urgencia de officiaes para os milhares

de recrutas que diariamente se alistavam, em vista de tal dificuldade, resolveu-se conceder o posto temporário de oficial a mancebos que, ainda que não houvessem completado a instrução militar, reunissem condições aceitaveis para o desempenho das funções de oficial.

Para este fim serviram de base umas escolas preparatórias de oficiais para o exército territorial, criadas por Lord Haldane, antigo Ministro da Guerra.

Estas escolas eram de duas classes: as da primeira, para unidades territoriais, recrutavam nas Universidades e Faculdade de leis; as da segunda, destinadas aos recrutas, funcionavam nas escolas públicas e de gramática (Institutos), isto é serviam para mancebos de instrução mais elementar. Ao re-bentear a guerra, existiam 22 das primeiras e mais de 100 das ultimas.

Todas eram freqüentadas por mancebos que, quer por sua posição social e intelligencia, quer pela instrução preparatória para oficial que haviam recebido, estavam em condições de poder aperfeiçoar prontamente os seus conhecimentos.

Á maioria dos que freqüentavam as da primeira classe, foi desde logo concedido o posto de oficial no exército regular; os restantes foram nomeados «oficiais temporários» para as novas unidades.

Aos das escolas de segunda classe que reuniam melhores condições, foi igualmente concedida a nomeação de «oficiais temporários».

O inconveniente destas escolas era a sua desigualdade, pois numas era ministrada excelente instrução, ao passo que noutras esta era muito deficiente. Entretanto não se pode pôr em dúvida a sua utilidade, para o que basta atender que, durante o primeiro ano, a Universidade de Oxford, isto é a escola de instrução para oficiais a ela anexa, proporcionou 2.500 oficiais ao exército, a de Cambridge 2.300, outras tres pequenas universidades 1.000 e a Faculdade de leis mais de 2.500 (Juns of Court);

4.º—Apesar do grande número de oficiais assim apurados, isto é procedentes das escolas de instrução para oficiais do exército territorial, as necessidades do grande exército eram contudo ainda maiores. Daqui resultou ser concedida a nomeação de oficial a estudantes de Universidades e Institu-

tos (Public Schools) *que não tinham recebido nenhuma instrução militar*; bastava que aparentassem possuir condições para o comando.

Por fim, mesmo este processo de criar officialidade esgotou-se, nada existindo nas Universidades de que lançar mão. Os mancebos procedentes dos Institutos (Public Schools) solicitavam a nomeação de official logo que atingiam a idade precisa:

5.º— Escolheram-se também officiaes entre bastantes mancebos que haviam emigrado para as colónias e estrangeiro e que, ao ser declarada a guerra, regressaram immediatamente a Inglaterra para se alistarem no exército. Muitos dêles, segundo se diz, deram magnificas provas, por estarem habituados a uma vida cheia de riscos e fadigas e pela experiencia adquirida noutros paises;

6.º— Para as nomeações de official para corpos formados por alistamento voluntario entre pessoal procedente de uma fabrica, estabelecimento comercial, etc., procurou-se escolher individuos pertencentes ao mesmo centro que, pela posição social ou prestigio pessoal, tivessem superioridade sobre os restantes. Ainda que em alguns casos este sistema deu bom resultado, em geral manifestou-se bastante deficiente, sem dúvida por ser muito limitado o campo para a escolha;

7.º— Para os corpos técnicos, tais como Engenharia, Intendencia (Army Service Corps), Saude Militar, Parques e Oficinas (Army Ordnance Corps) e em parte para a Artilharia, o recrutamento dos officiaes foi feito de acôrdo entre o Ministério da Guerra (War Office) e os chefes e directores das profissões civís afins, os quais propunham ou antes recomendavam candidatos, informando acerca do seu procedimento e competencia.

Para Engenharia, era o presidente do Instituto dos Engenheiros Civís o encarregado de fazer propostas para officiaes das unidades affectas às divisões; como para a especialidade de caminhos de ferro os directores das grandes companhias de linhas ferreas, para sapadores mineiros a Direcção de Minas, etc., e deste modo se dispunha do melhor pessoal tecnico.

Pela mesma forma, para os serviços da Intendencia eram indicados officiaes dentre os engenheiros civís, guarda-livros, directores de grandes casas comerciais, etc., obtendo assim

homens versados em escrituração e contabilidade, peritos em matéria de abastecimentos e forragens, conhecedores de automoveis e cavalos e, sobretudo, pessoal habituado a dirigir grandes massas de operarios.

Por identico meio, o serviço de saude militar conseguiu tambem possuir grande número de especialistas, os quais tornaram tal serviço verdadeiramente modelar.

O exército regular e o primeiro exército levantado levaram, como era natural, o pessoal mais apto para as funções de official, sendo já sensivelmente inferior o dos exércitos posteriormente organizados, pois *muitos dos nomeados não possuíam nenhuma instrução militar*, sendo aliás êles próprios os encarregados de a ministrar às praças sob suas ordens, no que foram ainda assim grandemente auxiliados por uma qualidade peculiar do character inglês: a disciplina. Este povo possui com efeito uma sensível tendencia para respeitar qualquer gráu de superioridade, quer seja de ordem social, quer de instrução, quer de cultura fisica. Alguns officiais afirmam que o soldado inglês segue constantemente os seus superiores, embora, e por efeito de compreender que estes são agora tão noviços como êle na carreira das armas, o comando não possa inspirar-lhe a confiança tão indispensavel no exército.

Se foi grave o problema do recrutamento da officialidade, maior foi o de ministrar instrução no meio de tão difíceis circunstâncias e em que parecia perigar a própria existencia da nação.

Como se sabe, até Agosto de 1914 a nomeação dos aspirantes a official dependia do resultado de uns exames nos quais se lhes exigia certo gráu de cultura geral.

Os classificados para Infantaria, Cavalaria e Intendencia seguiam um curso de ano e meio de duração no Colegio de Sandhurst; os apurados para Artilharia e Engenharia frequentavam outro de dois anos em Woolwich. No final do curso, uns e outros eram promovidos a alferes.

Havia tambem meio de obter ingresso no exército regular ou por intermédio da frequência das Universidades, depois de cursar nelas determinados estudos, ou haver servido nalgum

corpo da reserva, mas, em ambos os casos, era necessario ter recebido instrução militar em alguma Escola de instrução para officiaes do exército territorial (*Officers Training Corps*) ou em unidade especial da reserva.

Apresentado depois num regimento, o official tirocinava durante seis mēses no ensino dos recrutas e completava a sua instrução própria nas escolas regimentaes para officiaes e na escola de tiro de Hythe, por onde todo o official de infantaria ou de cavalaria devia passar pelo menos uma vez. Além disto e antes de ser promovido ao posto immediato, tinha que passar por um exame de aptidão, que, se bem que não de grandes exigencias, o forçava contudo a não pôr de parte os livros profissionais.

Na Escola de Guerra (*The Staff College*) a entrada obtinha-se por concurso ou por designação do Conselho Superior do Exército (*Army Council*); o curso era de dois annos, findos os quaes o official era classificado como apto para o serviço do Estado Maior.

Desde Agosto de 1914, os cursos foram reduzidos nas Academias Militares, ficando limitados a três meses de duração em Sandhurst e a seis em Woolwich; actualmente — 1917, 1918 — é de 8 meses para a primeira e um anno para a ultima. A Escola de Guerra foi encerrada.

Se os candidatos para o exército regular recebiam pouca instrução, pior foi para os officiaes milicianos ou de nomeação temporária, que não recebiam nenhuma. Durante o primeiro mēse da guerra, alguns destes últimos freqüentaram um curso nas escolas do exército territorial (*Officers Training Corps*), mas posteriormente e durante varios meses os alferes temporários só recebiam a mesma instrução que os próprios soldados.

Em princípio de 1915 voltou a ser posto em vigôr o sistema de instrução das *Officers Training Corps*, ou por abreviatura *O. T. C.*, para todos os officiaes nomeados para os novos exércitos. A duração do curso era sómente de um mēse. Pouco se podia fazer em tão curto espaço de tempo, mas ao menos adquiriam noções dos seus novos deveres.

Este sistema prolongou-se por todo o anno de 1915, com a única differença que o período da instrução foi por fim ampliado a cinco semanas.

Esta rápida maneira de criar officialidade deu como resultado que a produção chegou afinal a sobrepujar as necessidades do exército, de modo que, à espera de destino ou de vacaturas nos respectivos batalhões, os candidatos estavam bastante tempo ociosos.

Para aproveitar o tempo e com o fim de lhes aperfeiçoar a instrução, formaram-se companhias de officiaes, agregadas às brigadas de reserva, e estas companhias depois concentradas em grupos de três, a cuja frente foram colocados officiaes aptos para os comandar e dirigir a instrução.

Com êste recurso já melhorou notavelmente o quadro dos officiaes, conseguindo-se mais igualdade no conjunto dos conhecimentos militares.

*(Continúa.)*

Trad. de

P. S.



## O Corpo Expedicionario Português na guerra da Europa

### Apontamentos

A intervenção de Portugal na guerra da Europa representou, sem dúvida, um sacrificio extraordinariamente grande em homens e em dinheiro, cujo alcance ainda se não prevê em toda a sua amplitude, por não estarem concluidas as estatisticas que nos habilitem a fazer um juizo, tão aproximado quanto possivel, do esforço colossal que vimos de prestar ao lado das grandes potencias, nesta luta tremenda de quatro anos e alguns meses que tantos foram os necessários para completo esmagamento de uma nação que, armada até aos dentes, se propunha dominar o mundo inteiro a golpes de baioneta e a tiros de canhão.

Grande foi o nosso esforço. E, por mais meticulosas que sejam as estatisticas, crêmos firmemente, que nunca elas nos poderão revelar com exactidão aproximada, até que ponto foi o nosso sacrificio, pois, se é certo que o dinheiro a pagar pelos compromissos que tomámos pode ser avaliado até aos últimos centavos, verdade é tambem que, o que se perdeu em energia física em tantos homens que se invalidaram e o que deixámos de produzir pela escassez de braços para o amanhã e cultivo das terras e para o desenvolvimento das industrias, muitas das quais paralisaram ou afrouxaram na sua produção, não é de facil destrinça, tão pouco elucidativas são as bases em que terão de firmar-se os estudos subsequentes para o ajuste final das nossas contas.

Mas, seja como fór, esforço sublime e admiravel esse, cuja resultante imediata nos eleva grandemente no conceito das nações cultas, marcando ao nosso País uma posição de destaque, que muito nos honra, não só sob o aspecto moral

como, tambem, sob o ponto de vista militar, que não menos orgulho deve trazer ao País inteiro, provado como está que o Exercito é o espelho da nação, e o Exercito saiu dignificado e robustecido dô marasmo em que se vinha estiolando naquela apática indiferença dos últimos anos de uma paz enervante que, a pouco e pouco, nos ia matando.

Bastava este duplo aspecto por que encaramos a nossa cooperação efectiva na guerra, para justificar todos os sacrificios, para os quais, o peso do ouro não consegue esmorecer a sua benéfica compensação. E, agora, que a Paz vai ser concluida, forçoso é que nos fixemos nas posições que tão alevantadamente soubemos conquistar, para que delas possamos tirar todo o valor politico e social a que temos direito, não deixando que vá por agua abaixo, na mais criminosa das incúrias, tanto esforço e tanta dedicação que o sangue generoso dêsse punhado de bravos que tombaram em holocausto da Patria, cimentou num baluarte inexpugnável de heroismo e de bravura, deixando em aberto uma obra de ressurgimento nacional que, a nós outros, cumpre continuar.

\*

Grandes foram os ensinamentos que colhemos durante a nossa permanencia em terras de França. E do íntimo contacto com as tropas inglesas, alguns beneficios nos advieram por isso que, em ordem e disciplina outras melhores não conheciamos, se bem que não fôssemos de todo alheios à disciplina e ao espirito militar da Alemanha, que os livros que temos compulsado, nos apresentavam como possuidora de um exercito modelo que a sua derrota não desmentiu.

Como disciplinados que sempre temos sido no desempenho das nossas funções militares, das quais nunca arredámos pé com intuitos que não fossem os da mais estreita subordinação e obediência ás leis e regulamentos em vigor, não podemos deixar de pôr em relêvo a nossa admiração pelas brilhantes qualidades que distinguem o exercito inglês, se bem que o seu temperamento em tudo diferente do nosso e o seu orgulho de raça, levado até ao exagero, tivessem beliscado, algumas vezes, as nossas susceptibilidades de meri-

dionais, senhores como somos de um coração um tanto avêssô áquela frieza, que um sentimentalismo irritado pelas asperezas de um clima, que não era o nosso, nem sempre soube compreender.

De todos os lados ouvimos sempre clamores vários contra o autoritarismo dos inglêses nas suas relações officiais com as nossas tropas. E a tal ponto nos toldava o patriotismo, que supunhamos ofendido, que esquecíamos as circunstancias daquelle seu temperamento lhe estar na massa do sangue, para só pensarmos em desconsiderações que nos eram feitas como filhos de um país pequeno e sem recursos.

Sem que levemos a mal esta desconfiança, antes, enaltecendo-a como sintoma de brio e de pundonôr, sentimentos que tão bem se afervoram na gente portuguesa devemos, no entanto, confessar que o tal autoritarismo não tinha, a nosso vêr, a interpretação que lhe pretendiamos attribuir, por não representar mais do que um produto do seu temperamento de homens do Norte, exacerbado pela rudeza da campanha, tantas vezes incompativel com a magnanimidade de um coração que, para mal do nosso sentimentalismo, nunca fôra affectivo nem carinhoso.

Vimos êste autoritarismo empregado com portugueses, como o vimos nas suas relações com os franceses, como êles proprios o empregavam entre as suas unidades e formações. Não nos queixemos, pois, porque não temos razões fortes para o fazer; e, antes, procuremos imitá-los em tudo, inclusivamente na propria rudeza, indispensavel em campanha como, em tantas occasiões, tivemos ensejo de verificar.

Não somos dos que fazem côro com os que regressaram a Portugal a continuar, aqui, a campanha de desfavor contra a Inglaterra, que teve nos *estaminets* de França e nos *messes* o seu inicio, isto, no convencimento em que estamos de que a liga entre os dois exercitos, português e inglêz, nunca poderia permitir uma fusão dos dois corações, tão diferentes e tão opostas eram as suas maneiras de sentir.

Mas, não obstante, a liga militar podia fazer-se e fez-se, animados como estavam os dois exercitos na decidida vontade de vencer e na certeza de ambos de que só a disciplina e o espirito verdadeiramente militar podiam conduzir á victoria.

E, sôb esta uniformidade de vistas, assentes em bases tão solidas e duradouras, Portugal, mais uma vez, de braço dado com a Inglaterra, pode escrever uma nova pagina da sua historia gloriosa, que em nada deslustra os feitos heroicos dos seus antepassados.

Tudo o mais, foram simples arrufos de ocasião, que em nada conseguiram amortecer os laços de estreita amizade que felizmente nos unem á nossa velha aliada.

\*  
\* \* \*

Dos franceses trouxemos outras impressões, sem dúvida, mais suaves e amorosas, o que não admira, dada a nossa melhor adaptação ao sentimentalismo do povo francês, em tudo semelhante ao nosso. Compreendemos melhor a sua amizade e para ela fômos sem retraimentos e de braços abertos, como dois irmãos.

Contudo, se fizemos calar a voz do coração, reconhecemos que um fundo de artificio, aliás muito francês, transparecia daquelle seu affecto que um mal disfarçado interesse punha em destaque.

A attitude que êles tomavam, por exemplo, na cedencia das suas povoações para acantonamento das nossas tropas é uma prova flagrante.

É que os franceses, numa noção de patriotismo mal comprehendido e que a situação especial em que se encontravam nada justificava, embora os quadros de estacionamento dessem á vontade para acantonamento de um batalhão, escondiam e furtavam-se, o mais possível, ao dever militar de franquearem as suas casas para nelas serem aboletadas as nossas tropas, invocando razões várias que nos obrigavam a andar das casas dos habitantes para a *mairie* e desta para aquelas, em discussões estereis de que resultavam, muitas vezes, ficarem as praças distribuidas pelos currais e pelos telheiros e os officiais a 2 e 3 na mesma cama, quando outra mais confortavel e mais sadia podia ser a distribuição, se não fossem as dificuldades apresentadas.

Não podemos nem queremos concluir que isto fosse sempre assim. Mas o caso deu-se várias vezes e a êle fazemos

menção como apontamento que tomámos e como subsidio para a historia da nossa passagem em França.

De resto, estas dificuldades não eram levantadas só aos portuguezes.

Aos ingleses pretendiam fazer o mesmo. Mas estes, não se fiando em lóas, invadiam a casa dos habitantes sem olharem aos seus protestos; e, com um *good morning* á entrada e outro á saída, liquidavam o assunto tratando de instalar os seus homens, o que sempre conseguiam, e honra lhes seja, porque acima da comodidade dos habitantes estava o bem-estar daqueles a quem o dever militar impunha a obrigação de defender a propriedade dos que... lhe negavam guarida.

Isto, é um caso de tantos outros que podíamos citar, que veio a talho de fouce como refôrço das nossas considerações, ao mesmo tempo que frisa a circumstancia de nem sempre nos termos deixado embrulhar conscientemente nas dobras das suas amabilidades e delicadezas, sobretudo, nas ocasiões em que êles deviam ser para nós, mais portuguezes e menos francezes.

No estreitamento das relações entre as nossas tropas e as tropas inglesas teve uma parte preponderante o nosso Estado Maior, pelo que lhe não regatearemos os nossos louvores, o que fazemos isentos de toda a suspeita, pois, não pertencemos á classe nem, já agora que a guerra acabou, nos propomos escrever para agradar ou com outro fim que não seja o de restabelecer a verdade tal qual ela se apresenta ao nosso espirito.

Sabemos, porque o ouvimos bastantes vezes, que contra êste organismo se moveu uma certa má vontade attribuindo-se-lhe, até, muitas culpas que não tinha.

Mas, quem assim falava desconhecia, decerto, os serviços do Q. G. no trabalho de organização e preparação do C. E. P., serviços que nem sempre foram compreendidos por todos, especialmente por aqueles que, não obstante se encontrarem já em França, ainda não acreditavam que fôssemos um dia para as trincheiras.

Dai, uma certa resistencia passiva originando um afrou-

xamento no cumprimento de certas ordens e serviços, que o Estado Maior fazia publicar e que o mesmo julgava indispensáveis para o regular funcionamento de toda a complicada engrenagem de um corpo de exercito, de difficil movimentação mas, ao que se viu, facil de criticar.

Se nos disserem que nem todo o trabalho produzido foi sadio e proveitoso, estamos de acôrdo.

Mas, concluir dos serviços que não correram como deviam e da confusão que indubitavelmente houve, que só ao Estado Maior competiam as responsabilidades para, afinal, nos livrarmos, a nós, de toda a culpa, é forçar demasiadamente a nota numa maneira de vêr tão egoista como falha de razão.

De resto, as condições especiais em que nos encontramos em campanha, lutando num país estranho e tendo, muitas vezes, de subordinar a nossa vontade á de outro país, numa amálgama de três vontades cada uma das quais puxando a brasa á sua sardinha, são razões de sobra para aquilatarmos das difficuldades insuperaveis com que o Estado Maior teve de lutar para levar de vencida, como levou, todo o trabalho de organização e de preparação. Deve-se, sem dúvida, á sua tenacidade e intelligencia, a occupação pelas nossas tropas de um sector privativo na frente de batalha, o que foi uma verdadeira conquista, sem a qual teriamos de voltar para o país, tal como havíamos partido para França, isto é, sem que se tornasse efectiva a nossa cooparticipação na guerra, o que seria a suprema vergonha das vergonhas.

Era incompleta a nossa preparação militar para uma guerra de trincheiras, porque todos ou quasi todos os modernos engenhos de guerra nos eram desconhecidos ao tempo da nossa partida para o campo de batalha.

E, se mais algum proveito militar podiamos ter tirado da nossa permanencia em Tancos, se a instrução fosse orientada de harmonia com os novos princípios, preciso é reconhecer que o estabelecimento das Escolas das diferentes especialidades que foram postas a funcionar em França para

treino e preparação de C. E. P., vieram em tudo obviar áquella deficiência.

Funcionaram as nossas Escolas num maximo da sua frequencia, podendo dizer-se afoitamente, que todo o C. E. P. por elas transitou conforme as suas especialidades adextrando-se, assim, convenientemente a nossa gente, não durante periodos tão prolongados como estava estabelecido para as tropas inglesas, nem isso era preciso porque os nossos conhecimentos basilares eram superiores aos daquellas tropas, mas durante o tempo que o nosso Estado Maior julgou necessario, e que teria sido melhor aproveitado, se a energia dispendida não fosse em parte absorvida pela inércia e pela resistencia de muitos, que a bôa vontade de alguns só vagamente conseguiu neutralizar.

Assim, em Fevereiro de 1917 foram abertas duas Escolas de esgrima, uma de granadas e outra de metralhadôras ligeiras, enquanto continuavam a sua preparação nas Escolas inglesas um grupo de officiaes e de sargentos que mais tarde foram os instrutores nas Escolas de morteiros, metralhadôras pesadas, artilharia, observadores, aviação, gás e sinaleiros.

A não serem certas difficuldades na aquisição de material que, a principio, mais ou menos affectavam todas as Escolas, tornando-as menos apparatusas, todavia, em nada estas nos envergonhavam, chegando as nossas a competirem com outras similares inglesas sendo, até, para constatar que, muitas vezes, os melhores alunos das Escolas portuguezas rivalizavam em destreza e saber com os melhores discipulos das Escolas estrangeiras.

É que a *materia prima*, quando convenientemente trabalhada, é esplendida e dá tudo quanto seja preciso.

O nosso soldado é optimo. Já o conheciamos e, mais uma vez, tivemos ensejo de o verificar servindo, porém, esta última prova, que foi dura quanto podia ser, para definitivamente assentarmos no bom conceito que, aliás, sempre lhe tributámos.

Bonacheirão e simples, contemporizador e nada exigente,

amoldando-se resignadamente ás contingencias da guerra; sofredor e disciplinado, aprende com uma facilidade grande tudo quanto se lhe ensina e tudo êle é susceptivel de fazer, tão bem ou melhor do que o melhor soldado do mundo.

No combate de 9 de Abril mostrou bem a sua têmpera. E se não conseguiu deter o avanço do inimigo, nem essa era, talvez, a sua missão principal no referido combate, nem por isso foi inferior o seu espirito de abnegação.

Temos ouvido algumas vezes classificar o combate de 9 de Abril como uma derrota para as nossas armas. Não consentimos, porêm, que passe a atoarda sem o nosso mais veemente protesto.

É que as tropas propriamente empenhadas na 1.<sup>a</sup> linha, tal como estava quasi todo o nosso C. E. P., não podem obstar á marcha do inimigo, desde que êste se decida, como se decidiu, a romper as trincheiras empenhando-se num combate a fundo por isso que, para tal o conseguir, terá inevitavelmente de reforçar os seus efectivos com tropas que lhe garantam aquele forçamento. Nestas circumstancias, é fatal o rompimento, e as tropas em 1.<sup>a</sup> linha não são, portanto, mais do que tropas de sacrificio ou tropas condenadas a morrer, cuja única missão será a de retardarem, o mais possível, o avanço do inimigo permitindo, assim, que as fracções escalonadas á retaguarda tomem as suas posições de combate, sendo a estas que, por esforços successivos, pertence fixar o inimigo obrigando-o a parar.

Ora o C. E. P. não tinha o escalonamento em profundidade, absorvido como estava na 1.<sup>a</sup> linha. Portanto, não podia caber-lhe a gloria de fazer estancar o inimigo, tarefa que estava entregue ás tropas inglesas que, ainda assim, precisaram do reforço dos francezes, tão grande foi o ímpeto com que os alemães se arremeçaram para a frente.

Para as tropas francesas e inglesas foram todas as honras da vitoria porque foram elas que conseguiram, de facto, frustrar as intenções do inimigo. Mas que o esforço do C. E. P. não fique no esquecimento por isso que, no cumprimento do seu papel, só deixou atravessar as linhas depois de completamente esmagado, e êsse esmagamento produziu-se numa luta de 10 contra 1, o que não sendo grande façanha para o inimigo, nos honra sobremaneira pela desproporcionalidade,

visto que o não fez por menos esse colosso que nós, aliás, conseguimos detêr na nossa frente durante um ano consecutivo e enquanto as fôrças de ambos mais ou menos se contrabalançavam.

É cêdo ainda para se fazer a história do combate de 9 de Abril, nem a nós compete faze-la. Mas, quando ela se fizer, temos a certeza de que se mencionarão verdadeiros actos de bravura e de heroismo, que serão outras tantas páginas de ouro da nossa historia atestando, aos vindouros, o direito que temos a viver como nação livre e independente.

O nosso soldado é optimo, repetimos.

Precisa, porém, de ser convenientemente preparado e conduzido por quadros que estejam á altura da sua alta missão educativa, sabendo antepôr ás suas comodidades e conveniências o bem estar e a felicidade colectiva de um Exercito, que só tem razão de existir, dentro dos ditames da mais rigorosa disciplina, única fôrça capaz de manter a sua coesão.

Todo o disvelo será pouco em presença da causa sagrada da instrucção, em guerra aberta com a negligencia e o desinteresse tantas vezes revelados.

Foram postas á prova a competencia dos quadros milicianos e dos quadros do activo.

Não possuímos, porém, elementos nem competencia para nos pronunciarmos por um ou por outro podendo, no entanto, afirmar que em ambos os quadros se encontram elementos bons e outros susceptiveis de se aperfeiçoarem.

Nas acções que demandavam simplesmente de bravura, cometeram verdadeiros actos de heroismo uns e outros, sem diferença nem distincções para qualquer das classes.

Porém, nos trabalhos de preparação e como educadores, julgamos que os quadros do activo se comportaram com uma noção mais nítida das suas atribuições, o que não admira, dada a forma rápida como foram aprontados os quadros milicianos, a que uma fraca permanencia nas fileiras não permitiu o seu cabal aperfeiçoamento.

Na parte propriamente scientifica da guerra, o que a nosso

vêr, só podia medir-se numa guerra de movimento, em campo aberto, com todos os encantos e imprevistos de uma luta, sem dúvida, mais lial e mais empolgante do que a exgotante guerra de trincheiras, nessa parte, como iamoz dizendo, foram nulas as nossas observações dada a circumstancia de nos encontrarmos permanentemente, e durante um ano, colados ao mesmo terreno a que uns *raids* furtivos e rápidos mal conseguiam quebrar a monotonia de uma defensiva enervante.

Como remate ás nossas considerações e como resultante do muito que observámos em dezoito meses de guerra diremos que, acima de tudo, devemos cuidar da educação militar do nosso soldado, apertando-a nos laços indissolúveis de uma disciplina de ferro.

E, sôbre êste thema, muito há que fazer, ainda, se quizermos dispôr de um Exercito que seja uma garantia da ordem.

As quinze semanas destinadas á instrucção da nossa infantaria, chegam para muito, desde que o tempo seja bem aproveitado e que nela colaborem os graduados com o esforço da sua bôa vontade, ensinando mais por devoção do que por obrigação.

a) Não devem ser postos de parte os exercicios em ordem unida nem tão pouco o manejo de arma e de fogo, feitos á voz, para os quaes se deverão exigir o maximo de correção e de justeza. Estes exercicios, quando executados com arreganho e precisão, levam ao espirito do soldado uma noção clara de disciplina que muito convem aproveitar.

b) Todo o soldado deve saber lêr e escrever para que possa compreender bem a sua missão em campanha e, para que possa desempenhar-se de certos serviços que o seu analfabetismo pode prejudicar.

A frequencia ás escolas primárias é obrigatoria, bem o sabemos. Mas se nós, no quartel, não tratarmos dêste assunto, o problema permanecerá insolúvel e continuaremos apresentando o espectáculo degradante de vêrmos o nosso soldado debatendo-se na mais atroz das ignorancias, num grau de in-

ferioridade deprimente, que muito prejudicará o prestígio da sua farda.

c) Dêmos-lhe ginástica, muita ginástica, fugindo á execução dos *movimentos livres*, que pouco ou nada desenvolvem um organismo já constituído, além de que nos faltam os instrutores devidamente habilitados para uma ginástica pedagogica; mas a ginástica traduzida em jogos de destreza, que obriguem o homem a saltar e a correr, pondo em vibração todo o seu complicado sistema de músculos e de nervos, fortemente endurecidos pela ausencia completa de exercicios desta natureza que o recruta nunca fêz em dias de sua vida, antes do seu alistamento.

Uma pista de obstaculos em cada regimento é de necessidade urgente, de facil construção e pouco dispendiosa.

d) A instrucção de esgrima de baioneta, é um exercicio admiravel e de grande utilidade. É um estimulante enérgico para o cerebro, desenvolve a acuidade visual, dá presteza, decisão e energia no ataque, ao mesmo tempo que torna agil e robusto o soldado.

Com tais requisitos, é evidente que a instrucção de esgrima tem uma parte importante na educação militar e, como tal, não pode nem deve ser descurada.

e) Julgamos desnecessario encarecer as vantagens da instrucção de tiro com armas portateis, sobretudo, nas tropas de infantaria.

E como elas estão no espirito de todos, bom seria que cada unidade fosse dotada com uma carreira de tiro do modelo inglês facil, tambem, de construir e, com a dupla vantagem de se poupar o tempo perdido com o deslocamento das tropas para a frequencia das carreiras de tiro e da economia na verba dispendida com os transportes daquelas que, por ficarem muito distantes das respectivas carreiras, teem de fazer o trajecto em caminho de ferro.

Isto, a nosso vêr, é o que julgamos indispensavel fazer-se, para começar.

Muito mais teriamos que dizer se pudéssemos alongar este

artigo que já saíu fóra dos limites em que o tínhamos esboçado.

Ficará o resto para a outra vez, na certeza de que, o que acaba de lêr-se, é a modestíssima opinião de um official, escrita com desinteresse, sem paixão e sem outro intuito que não seja o de fornecer êstes apontamentos, na mira de que alguém mais competente possa rasga-los com a autoridade do seu saber ou para sôbre elles se traçar o caminho, que teremos de trilhar, para conseguir um Exercito que seja a honra da Nação.

É ainda o amor á farda e a consideração pelo Exercito, a que temos a honra de pertencer, que nos levam, de vez em quando, a vir dizer de nossa justiça, se bem que sejamos os primeiros a reconhecer faltarem-nos as qualidades para bem deduzirmos o que nos vai cá dentro. E, se alguma cousa escrevemos, é em nome de uma franqueza e de uma sinceridade sem limites, que o. nosso temperamento não pode fazer calar, pelo que as nossas considerações devem ser levadas á conta de um desabafo desprezencioso.

Janeiro de 1919.

LUÍS DO NASCIMENTO DIAS

Cap. de inf.

## Quadro de Honra do Ultramar Português

### Baixas na Africa Oriental desde 1914

#### *Batalhão de pontoneiros :*

Soldado n.º 397, da 2.ª companhia, Domingos da Costa Ramos.  
 » » 83, » 4.ª » João da Silva.

#### *Batalhão de telegrafistas de campanha :*

Soldado n.º 578, da 1.ª companhia, Carlos Gomes Laranjeira.  
 » » 473, » 4.ª » Manuel da Silva Tafula

#### *Companhia de telegrafistas de praça :*

Soldado n.º 791, Manuel Gaspar.

#### *Regimento de artilharia de montanha :*

Primeiro cabo n.º 464, da 6.ª bateria, Abel Tavares da Silva.  
 Soldado n.º 881, da 1.ª bateria, Augusto Borges.  
 » » 394, » 2.ª » Emilio da Rosa.  
 » » 1054, » 7.ª » José Antonio de Sousa.

#### *Regimento de cavalaria n.º 9 :*

Soldado n.º 400, do 3.º esquadrão, Raul de Lima.

#### *Regimento de infantaria n.º 6.*

Soldado n.º 352, » 7.ª companhia, Francisco Soares Valente.  
 » » 211, » 8.ª » Antonio dos Santos Gomes.

#### *Regimento de Infantaria n.º 7 :*

Soldado n.º 453, da 10.ª companhia, José da Costa.

#### *Regimento de Infantaria n.º 9 :*

Primeiro cabo n.º 276, da 8.ª companhia, Antonio Augusto.

#### *Regimento de infantaria n.º 10 :*

Primeiro cabo n.º 164, da 6.ª companhia, Mario José Seramota.  
 Soldado n.º 457, da 5.ª companhia, João Caetano.

#### *Regimento de Infantaria n.º 13 :*

Primeiro cabo n.º 465, da 12.ª companhia, Antonio Julio Fausto.

#### *Regimento de infantaria n.º 23 :*

Primeiro sargento n.º 666, da 9.ª companhia, António José Alves da Silva.

Primeiro cabo n.º 175, da 9.ª companhia, José Pimenta Mano.  
 Segundo » » 562, » » » Americo Ferreira Martins.  
 Soldado n.º 422, da 10.ª companhia, Manuel da Costa.  
 » » 441, » » » António das Neves.  
 » » 65, » 11.ª » Alípio André.  
 » » 416, » » » António Tomás Rodrigues.

*Regimento de infantaria n.º 24 :*

Segundo sargento, António Ribeiro Magalhães.  
 Soldado n.º 502, da 9.ª companhia, António Gomes Silva.

*Regimento de infantaria n.º 28 :*

Segundo Sargento n.º 507, da 8.ª companhia, Augusto Ferraz Anobra.  
 Soldado n.º 120, da 9.ª companhia, António  
 » » 593, » » » João da Silva Monteiro.  
 » » 511, » 10.ª » Francisco Ferreira Júnior.  
 » » 259, » 11.ª » Alexandre Tavares da Fonseca.  
 » » 418, » » » José dos Santos Vidal.  
 » » 448, » » » Belmiro de Freitas  
 » » 455, » » » José Pinto.  
 » » 501, » » » Francisco Alves dos Santos.  
 » » 504, » 12.ª » Herculano Gonçalves.

*Regimento de infantaria 29 :*

Soldado n.º 485, da 9.ª companhia, Clemente Soares.  
 » » 493, » » » Manuel António Rodrigues.  
 » » 512, » » » Manuel de Abreu.  
 » » 547, » » » Valentim Lopes.  
 » » 560, » » » António Gomes dos Santos.  
 » » 682, » » » Manuel Gonçalves.  
 » » 732, » » » Francisco Lopes.  
 Primeiro cabo n.º 411, da 10.ª companhia, Álvaro José da Cruz.  
 » » » 542, » » » Severino da Fonseca.  
 Segundo » » 569, » » » Heitor de Jesus Azevedo.  
 Soldado n.º 299, da 10.ª companhia, António Vieira.  
 » » 363, » » » António da Silva.  
 » » 378, » » » Alexandre Vieira do Araújo.  
 » » 379, » » » Domingos Fernandes.  
 » » 406, » » » António Pereira.  
 » » 427, » » » Manuel Adelino Barbosa.  
 » » 433, » » » Belmiro Vaz.  
 » » 515, » » » António Ribeiro.  
 » » 517, » » » Hermínio Teixeira.  
 » » 544, » » » Rodrigo de Azevedo.  
 » » 546, » » » Manuel Dias Teixeira.  
 » » 572, » » » António Pereira.  
 » » 577, » » » Mário da Rocha.  
 » » 583, » » » Avelino da Cruz Ferreira Fraga.

Soldado n.º 627,	da 10.ª	Companhia,	Américo de Oliveira.
Primeiro cabo n.º 494,	da 11.ª	companhia,	Afonso Teixeira.
Soldado n.º 389,	da 11.ª	companhia,	Fortunato Teixeira.
» » 520,	» »	» »	Abílio Pereira do Lago.
» » 530,	» »	» »	Domingos de Sousa.
» » 556,	» »	» »	António Soares.
» » 588,	» »	» »	José da Costa.
» » 703,	» »	» »	Manuel Francisco dos Santos.
» » 143,	» 12.ª	» »	Severino Joaquim Pereira.
» » 272,	» »	» »	José Gomes.
» » 334,	» »	» »	José Silveira.
» » 335,	» »	» »	Fortunato de Sousa.
» » 568,	» »	» »	José Pinheiro.
» » 624,	» »	» »	Ildefonso Loureiro.
» » 636,	» »	» »	Manuel Alexandre.

**Regimento de infantaria 30:**

Soldado n.º 373,	da 10.ª	companhia,	António dos Santos Nunes.
» » 364,	» 11.ª	» »	José Francisco Jantarada.

**Regimento de infantaria n.º 31:**

Soldado n.º 208,	da 6.ª	companhia,	Manuel de Oliveira Rodrigues.
» » 437,	» 10.ª	» »	Manuel Pinto Pessoa.

**Regimento de infantaria 32:**

Soldado n.º 425,	da 5.ª	companhia,	José de Sousa.
» » 388,	» 8.ª	» »	Joaquim Alves.
» » 423,	» »	» »	Manuel Barbosa.

**3.º Grupo de metralhadoras:**

Soldado n.º 10,	da 3.ª	bateria,	José Pereira.
-----------------	--------	----------	---------------

**8.º Grupo de metralhadoras:**

Soldado n.º 90,	da 1.ª	bateria,	Augusto Gomes de Brito.
» » 230,	» 8.ª	» »	Manuel Soares.

**1.º Grupo de companhias de administração militar:**

Soldado n.º 924,	da 1.ª	companhia,	Henrique de Sousa Melo.
------------------	--------	------------	-------------------------

**Guarnição de Moçambique:**

Primeiros cabos de infantaria, Manuel da Silva Cavaço, Eduardo Branco Evaristo e António Augusto.

**Civil:**

Libânio Rodrigues Tavares, serralheiro contratado.

(Do Boletim Militar das Colónias n.º 15, de 26 de Setembro de 1918)

*Regimento de sapadores mineiros:*  
Soldado n.º 260, da 6.ª companhia, José da Silva Coelho.

*Batalhão de pontoneiros:*  
Soldado n.º 401, da 1.ª companhia, Hermínio da Costa.  
" " 77, " 4.ª " José de Sousa Bispo.

*Companhia de telegrafistas de praça:*  
Primeiro cabo n.º 34, António Nunes Faustino.  
Soldado n.º 1.076, Emídio Dias.

*Regimento de artilharia n.º 5:*  
Soldado n.º 918, da 1.ª bateria, João Gonçalves Magalhães.

*Regimento de artilharia de montanha:*  
Clarim n.º 933, 1.ª bateria, João Pereira.  
Soldado n.º 875, " José de Queiroz.  
" " 894, " João Alberto Vaz.  
" " 899, " Joaquim Afonso Ramos.  
" " 927, " Anibal Ferreira da Silva.  
" " 246, 2.ª bateria, Luís Pereira.  
" " 159, 5.ª bateria, José Aguilar.  
" " 534, " Manuel dos Santos Simão.  
Primeiro cabo n.º 439, 6.ª bateria, Domingos Coutinho.  
" " 464, " Abel Tavares da Silva.  
Soldado n.º 406, 6.ª bateria, Manuel Ferreira Duque.  
" " 455, " Manuel Jesus Monteiro.  
" " 625, " Isídio do Ó.  
" " 924, " José Gomes de Figueiredo.  
" " 979, " José da Silva.  
" " 996, " Manuel Alves Ferreira.  
" " 122, 7.ª bateria, Manuel Caetano.

*Regimento de cavalaria n.º 3:*  
Primeiro cabo n.º 392, do 2.º esquadrão, Rodrigo Moreira.

*Regimento de cavalaria n.º 5:*  
Soldado n.º 357, 3.º esquadrão, Manuel Joaquim Adolfo.  
" " 569, " Manuel Norte.  
" " 738, " Joaquim Alves Pinho.  
" " 804, " Tomé Mendes.

*Regimento de infantaria n.º 13:*  
Soldado n.º 364, da 3.ª companhia, Serafim dos Anjos.

*Regimento de infantaria n.º 18:*  
Soldado n.º 537, Francisco Gonçalves.

*Regimento de infantaria n.º 23:*

- Soldado n.º 23, 3.ª companhia, Manuel Maria de Oliveira.  
 " " 428, 7.ª companhia, José Augusto Serol.  
 Corneteiro n.º 671, 9.ª companhia, José Augusto dos Santos.  
 Soldado n.º 565, 9.ª companhia, Manuel Vicente Ralha.  
 " " 583, " Aníbal Nunes Narciso.  
 " " 592, " João Henriques.  
 " " 648, " José Machado.  
 " " 652, " Joaquim da Silva Fontes.  
 " " 656, " Luís Martins.  
 " " 452, 10.ª companhia, Alvaro Calinas.  
 " " 470, " Manuel Augusto Cortês.  
 " " 476, " António de Carvalho.  
 " " 518, " Aníbal dos Santos.  
 Primeiro cabo n.º 502, 11.ª companhia, Manuel de Almeida.  
 Soldado n.º 118, 11.ª companhia, Fausto Lopes dos Santos.  
 " " 440, " José Cândido.  
 " " 479, " António dos Santos.  
 " " 484, " Cassiano Monteiro Mesquita.  
 " " 485, " José Alves.  
 " " 500, " Manuel Hermano.  
 " " 526, " Álvaro Pires.  
 " " 362, 12.ª companhia, António Maria Dias.  
 " " 429, " Evaristo Ribeiro.  
 " " 459, " José Tenente.  
 " " 517, " Manuel dos Santos.

*Regimento de infantaria n.º 24:*

- Soldado n.º 143, 1.ª companhia, Augusto Coelho da Silva.  
 Primeiro cabo n.º 417, 9.ª companhia, José Marquês Nogueira.  
 Soldado n.º 436, 9.ª companhia, Manuel Maria Ferreira.  
 " " 207, 10.ª " José da Assunção.  
 " " 363, " " Manuel José.  
 " " 402, " " José Dias da Maia.  
 " " 549, " " José Nunes.  
 " " 548, 11.ª " António Perpétua.  
 " " 560, " " Albano de Oliveira.  
 " " 585, " " António Lopes dos Santos.  
 " " 486, 12.ª " Luís Loureiro.  
 " " 574, " " Valentim de Sousa.  
 " " 673, " " Domingos Antunes.

## Corpo expedicionario português

### ROL DE HONRA

#### Baixas em França

Soldado n.º 190 da 1.ª companhia de infantaria n.º 9, António Pereira, em 24 de Outubro de 1918.

Soldado n.º 165 da 1.ª companhia de infantaria n.º 12, Antonio Reino, em 24 de outubro de 1918.

Soldado n.º 626 da 1.ª companhia de artilharia n.º 3, Faustino Ferreira de Jesus, em 26 de Outubro de 1918.

Soldado n.º 379 da 6.ª companhia de artilharia n.º 3, Enrique Bonito, em 28 de Novembro de 1918.

Soldado n.º 126 da 1.ª companhia de artilharia n.º 4, Luiz Pinto Cardoso, em 26 de Outubro de 1918.

Soldado n.º 175 da 2.ª companhia S. L. A. de artilharia n.º 7, José Rodrigues, em 26 de Outubro de 1918.

Soldado n.º 71 da 4.ª companhia de artilharia n.º 9, Manuel Antonio, em 26 de Outubro de 1918.

#### Por gases:

Soldado n.º 532 da 3.ª companhia de artilharia n.º 3, David José de Fontes, em 19 de Novembro de 1918.

Soldado n.º 449 da 6.ª companhia de artilharia n.º 3, Joaquim da Luz, em 18 de Novembro de 1918.

#### Por desastre em serviço:

Soldado n.º 698 da 2.ª companhia de infantaria n.º 18, Manoel Antonio Ricardo, em 26 de Outubro de 1918.

Soldado n.º 276 da 5.ª companhia do B. S. C. F., Adriano Fonseca, em 26 de Outubro de 1918.

# CRÓNICA MILITAR

## Alemanha

**As perdas de oficiais alemães na guerra.**—Segundo o *Militaer Wochenblatt*, o exército alemão durante a *grande guerra* (até 14 de setembro de 1918) tinha perdido o seguinte número de oficiais:

Exército activo—mortos ou desaparecidos.....	13.440;	feridos	19.940
Exército de reserva—mortos ou desaparecidos....	24.124;	•	32.339
Voluntários—mortos ou desaparecidos.....	1.515;	•	1.265
Totais—mortos ou desaparecidos.....	39.079;	•	53.544
			92.623

**Unidades de sapadores-mineiros.**—No principio da guerra cada corpo de exército tinha um batalhão com um *estado maior* e *menor* e 3 companhias de sapadores-mineiros. A importância que foi tomando a guerra de trincheiras obrigou a aumentar o numero de S. M. Cada divisão foi dotada com 2 companhias e com um *estado maior* de batalhão, ao qual pertenciam a companhia de *bombardas* pesadas e as secções de projectores.

Dependendo do grande quartel general e dos quartéis generais de exército havia companhias de mineiros e batalhões especialistas para os serviços de lança-chamas e de gazes asfixiantes.

## Espanha

**A radiotelefonia em Espanha.**—Foi a *Companhia Iberica de Telecomunicação* que inaugurou em Espanha o emprego da telefonia sem fios.

Em fins de agosto de 1918 foi instalada uma estação a bordo do *Yate real Giralda*, que estava no porto de Santander, e outra no antigo forte de S. Domingos em Bilbao, distanciadas a mais de 100 quilometros. Feita a comunicação, ouvia-se falar distintamente como se fosse num circuito telefónico urbano.

A estas provas assistiram comissões técnicas enviadas pela secção aeronautica militar de Cuatro Vientos e pelos ministérios da marinha e da guerra.

As mesmas estações também foram utilizadas como telegráficas (efectuando-se a comunicação com onda contínua).

Ainda se fizeram interessantes experiencias, ligando-se com as linhas telefónicas urbanas e inter-urbanas.

D. Afonso XIII, tendo ido a bordo do *Giralda*, pode falar para o pa-

lacio de Miramar em S. Sebastian, para o que se fez a ligação da estação radiotelefónica do forte de S. Domingos com a séde telefónica urbana de Bilbao.

Agora se vão ligar com a Península as Baleares por meio da radiotelefonía.

Na primeira quízena de outubro se instalaram estações radiotelefónicas entre Barcelona e Mahon, utilizando-se as antenas das estações radiotelegráficas militares de Montjuich e La Mola, e da mesma forma, durante os sete dias que duraram as experiencias, estas foram brilhantes. A intensidade da voz era tal que a conversação podia ser perfeitamente ouvida simultâneamente por oito pessoas, que utilizavam igual número de auscultadores.

Reconheceu-se que, com os aparelhos empregados, se poderia ouvir distintamente à distância de 900 quilometros.

A energia maxima empregada nestas experiencias não foi além de 400 watts, reconhecendo-se que se podia falar muito bem ainda com menos de 100 watts.

De Barcelona se pode directamente falar com várias casas de Mahon, que possuíam telefonía da rede urbana.

Em virtude destas experiencias, o serviço radiotelefónico vai ter um grande desenvolvimento em Espanha.

(Da *Ibérica*).

**Concurso para a admissão no quadro de aspirantes do secretariado militar.**—Foi aberto concurso para a admissão no quadro do corpo do secretariado militar para o preenchimento das vacaturas que se produzam no posto de aspirante. A este concurso foram admitidos os sargentos e sub-officiais com 4 anos de serviço, dos quais 2 de posto.

Os exames compreendiam 3 exercicios.

O primeiro exercicio abrangia as seguintes matérias: Gramática castelhana, dítado, mecanografia, geografia e história de Espanha.

O segundo exercicio compreendia: Noções de arithmética e geometria plana. O terceiro exercicio abrangia: Noções do código de justiça militar, regulamento de arquivos, organização geral do exército e das diversas armas e serviços, divisão territorial militar de Espanha, ordens gerais para officiais.

O juri de exames é constituído por 2 officiais superiores e um capitão do corpo do secretariado, presidindo um general.

Os que forem aprovados constituirão uma escala por ordem de postos, e, em cada posto, por ordem de antiguidades. Em igualdade de circunstâncias tem preferencia os que tenham serviços de campanha, e destes, os que forem filhos de militares.

O quadro é de 100 aspirantes.

**Manobras da 1.<sup>a</sup> divisão na 1.<sup>a</sup> região.**—O general Aguilera tinha estabelecido um programa de exercicio a realizar no período de inverno.

No sabado 7 de dezembro foi a 1.<sup>a</sup> divisão, sob o comando do general D. Miguel Primo de Rivera, que executou uma parte desse programa.

Na *hipotese geral*, a que obedecia o tema, supunha-se que a divisão estacionava a 10 quilómetros da fronteira e recebera ordens para avançar ao encontro do inimigo.

A divisão era constituída pela 1.<sup>a</sup> brigada, sob o comando do general Castro, com um grupo de metralhadoras; pela 2.<sup>a</sup> brigada, sob o comando do coronel D. Federico Berenguer; e pelo 1.<sup>o</sup> regimento de artilharia montada e pelo regimento de cavalaria, hussares da Princesa.

Um trem militar foi organizado pelas tropas de caminhos de ferro sob as ordens do tenente-coronel de engenharia Unceti.

Antes da divisão iniciar a marcha, El-Rei chegou às 11 horas acompanhado pelo esquadrão da escolta-real, do capitão-general de Madrid, o general Aquilera, do chefe da sua casa militar, general Huerta, do infante D. Fernando e seus ajudantes, passando revista em seguida.

O regimento de hussares cobriu a marcha da columna, seguindo-se a brigada Castro, e depois a artilharia.

Uma esquadilha de aviões efectuava os reconhecimentos e enviava as informações acerca do suposto inimigo.

Às 12 horas e 30 minutos deu-se por terminado o exercício, regressando El-Rei a Madrid, depois de ter elogiado a forma como as manobras tinham corrido.

O general Primo de Rivera reuniu então os oficiais e fez a critica dos exercícios. As tropas em seguida comeram o rancho, e regressaram a quartéis eram 15 horas.

No dia 27 tiveram lugar outras manobras, sendo a hipótese tactica a defesa da passagem do Rio Jarama na zona de Paracuelos, S. Fernando e caminho de ferro de Aragón, entre forças inimigas (hipotéticas) que pretendiam transpôr o rio. A manobra foi dirigida pelo general Aquilera. Nestas manobras tomaram parte além da 1.<sup>a</sup> divisão, uma brigada mixta constituída com elementos da 2.<sup>a</sup> divisão.

A estas manobras assistiu El-Rei, que chegou à povoação de Barajas às 10 horas. Terminado o exercício, as tropas comeram o rancho, que foi cozinhado no campo. El-Rei, passou revista aos regimentos de cavalaria que estavam concentrados na margem esquerda do rio Jarama.

Depois o monarca convidou os generais e oficiais superiores para um jantar que tinha sido feito no campo pelo pessoal da casa real, e para o qual foram também convidados os *reporters* dos jornais que tinham assistido aos exercícios. No regresso a Madrid, as tropas desfilaram às 17 horas e 40 minutos, perante S. M. el-rei, que se fora postar com o seu Estado-Maior na rua de Alcalá, em frente da igreja de S. José. Às 19 horas e 15 minutos tinha terminado o desfile, sendo D. Afonso muito ovacionado.

**Recrutados destinados aos corpos de Africa.** — Com destino aos portos de Melilla e Ceuta devem embarcar no mês de fevereiro nos portos de Barcelona, Valencia, Almeria, Malaga e Algeciras.

No porto de Barcelona, embarcam.....	1.507	recrutados
No porto de Malaga, " .....	3.686	"
No porto de Algeciras, " .....	6.447	"
em Algeciras e Valencia, " .....	1.334	"
em Almeria e Valencia, " .....	997	"
Total.....	13.971	"

## Estados- Unidos

**Ração de reserva para trincheira.**—Uma ração especial de reserva foi empregada pelas tropas americanas em 1.<sup>a</sup> linha para o caso em que, por circunstâncias especiais, não pudesse ser fornecida a ração diária normal.

A ração especial de reserva está acondicionada em latas galvanizadas, pesando 26 quilogramas, e contendo cada uma 25 rações.

A ração é constituída por bolacha, carne de vaca em conserva, carne assada, salmão ou sardinhas, café comprimido, assucar e sal. As latas estão hermeticamente fechadas para ficarem perseveradas da humidade e dos gases.

**As forças americanas aereas.**—Ao ter lugar o armistício, operavam na frente ocidental 45 esquadrilhas americanas de aviões.

O pessoal empregado era de 10.675 oficiais e 52.229 praças.

Durante a guerra as forças expedicionárias receberam 1.472 aviões de diversos tipos. Os aviadores americanos derrubaram 845 aparelhos inimigos e 82 balões. Os Estados Unidos perderam 271 aviões e 41 balões.

**Dinheiro emprestado pelos Estados Unidos aos aliados.**—Durante a guerra os Estados Unidos, emprestaram:

À Belgica, 166 milhões de dollars; à França, 2.065 milhões; à Grã-Bretanha, 3.745 milhões; à Grecia, 5.790 milhões; à Italia, 860 milhões; à Russia, 375 milhões; à Servia, 12 milhões; à Rumania, 6,5 milhões; à Siberia, 5 milhões; a Cuba, 15 milhões.

Os empréstimos subscritos nos Estados Unidos atingiram 22.000 milhões de dollars, para os quais contribuíram 51 milhões de subscritores.

## França

**Perdas da população francesa de 1914 a 1917.**—Não incluindo os 11 departamentos que foram invadidos, e a respeito dos quais ainda não ha organizada a estatística por não estarem ainda coligidas as informações demográficas, e só portanto em relação aos 77 departamentos não invadidos nota-se que os *nascimentos e mortes* da população civil foram:

	Nascimentos	Obitos	Diferenças
Em 1913.....	604.811	587.445	+ 17.366
» 1914.....	594.222	647.549	- 53.327
» 1915.....	387.806	655.146	- 267.340
» 1916.....	315.087	607.742	- 292.655
» 1917.....	343.310	613.148	- 269.838
			- 883.160

Vê-se portanto que de 1914 a 1917 a população civil nos 77 departamentos não invadidos diminuiu de 883.160. Se juntarmos as perdas causadas

pela guerra, que oficialmente são avaliadas em 1.400.000 homens, teremos 2.283.160 de perdas.

As perdas na população masculina, dos 16 aos 65 anos, é avaliada em 2.000.000.

Por aqui se vê a crise porque está passando a França, que se fará sentir cruelmente na sua vida económica.

Ha ainda a acrescentar que ha mais de 800.000 homens inutilizados durante a guerra, ou como consequência de ferimentos recebidos. (*Le Temps*).

**Aumento de soldo aos officiais.**—Logo que oficialmente seja declarada a terminação das hostilidades por meio de um decreto que deverá ser publicado no „Journal officiel“, o soldo dos officiais do exército francês passará a ser o seguinte:

General de divisão.....	55,5	francos por dia
General de brigada.....	40	» » »
Coronel.....	33	» » »
Tenente-coronel.....	25	» » »
Major com 4 anos de posto ou 32 de serviço.....	22,5	» » »
Major com menos de 4 anos de posto.....	20	» » »
Capitão depois de 12 anos de posto.....	18,5	» » »
Capitão depois de 8 anos de posto.....	17	» » »
Capitão depois de 4 anos de posto.....	15,5	» » »
Capitão com menos de 4 anos de posto.....	14	» » »
Tenente com 8 anos de posto.....	13,55	» » »
Tenente com 4 anos de posto e 15 de serviço.....	12,05	» » »
Tenente com menos de 4 anos de posto.....	10,05	» » »
Alferes com 6 anos de serviço.....	9	» » »
Alferes com menos de 6 anos de serviço.....	8	» » »

Estes vencimentos são julgados indispensaveis e como um minimo, por isso que a carestia da vida dever-se-à ainda manter por muito tempo e porque actualmente os vencimentos dos operários de inferior categoria são superiores aos dos officiais subalternos e capitães.

Aos officiais casados será dado ainda um subsidio de 150 francos por mês e de 60 francos por filho. (*Le Temps*).

**Convocação dos alunos da escola militar de Saint-Cyr.**—A grande guerra, que o armistício de novembro de 1918 veio pôr termo (sabe Deus porquanto tempo) tinha obrigado o governo francês a reduzir os cursos nas escolas militares com o fim de obter subalternos para completar os quadros, cuja necessidade derivava quer dos grandes efectivos mobilizados, quer das baixas produzidas nos campos de batalha. A necessidade desses cursos abreviados não se fez sentir só no exército francês, mas em todos os exércitos que tomaram parte na guerra, como succedeu em Portugal. Em França, os alunos saídos de Saint-Cyr eram promovidos a alferes pouco depois de terminarem o seu curso abreviado, e, à medida que se foram dando vacaturas, êles foram sendo promovidos aos postos immediatos, mas sempre a título *provisório e precário*.

Tendo terminado a guerra, o ministro acaba de determinar que sejam chamados a completar os seus cursos, *seja qual fôr o posto que actualmente tenham*, os alunos pertencentes aos cursos de 1913-1914, de 1914, de 1916-1917, e os de 1917-1918. Os que pertencem às promoções de 1914 e de 1916-1917 virão fazer um curso complementar de 8 meses a começar em 17 de fevereiro. Os que pertencem às promoções de 1913-1914 e 1917-1918, deverão entrar em 20 de junho e o curso complementar será de três meses e meio.

Emquanto aos alunos da *escola superior de guerra (curso de estado maior)*, só se considerou terminado o curso para aqueles que estavam no último ano, em agosto de 1914. Todos os outros terão de vir completar o seu cursos para puderem ser considerados oficiais do estado maior. (*Le Temps*).

**Escola politecnica.**—São da mesma forma chamados para completarem os seus cursos, ou recomeça-los, os alunos pertencentes aos cursos de 1912, 1913, 1914, 1916 e 1917. Os cursos devem começar em março.

## Inglaterra

**Perdas causadas pelos raids aereos e maritimos.**—Os raids de aeroplanos ou de zeppelins e os bombardeamentos por mar causaram à Grã-Bretanha as seguintes perdas :

	Mortos	Feridos	Total
Pelos zeppelins.....	556	1.357	1.913
» aeroplanos.....	857	2.050	2.907
» bombardeamentos.....	157	634	791
Totais.....	1.570	4.041	5.611

(*Le Temps*).

## DIVERSOS

**A produção mundial do açúcar em 1918-919 e 1913-914.**—M. M. Willet e Gray, que são autoridades em matéria de estatísticas açucareiras, fornecem-nos as seguintes curiosas indicações :

1.º—Açúcar de cana :

	1918-1919	1913-1914
Cuba.....	6.202.635 toneladas	4.919.814 toneladas
Austrália e Polinesia.....	336.000 »	355.165 »
Asia.....	5.255.000 »	4.070.730 »
Africa.....	585.000 »	465.704 »
Espanha.....	6.000 »	10.000 »
Totais.....	12.384.635 »	9.821.413 »

2.º—Açúcar de beterraba:

Europa.....	3.704.000	»	8.243.165 toneladas
Estados-Unidos.....	635.000	»	655.298 »
Canada.....	17.000	»	10.007 »
Totais.....	4.356.000	»	8.908.470 »
Totais gerais.....	16.740.635	»	18.729.883 »

Houve, pois, um déficit de 1.989.248 toneladas.

Na Alemanha a produção em 1918-1919 é representada por 1.400.000 toneladas; em 1913-14 foi de 2.720.000 toneladas; a da Austria será representada por 700.000 toneladas, enquanto que em 1913-14 foi de 1.703.000 toneladas; e na Russia respectivamente por 700.000 toneladas e 1.687.799 toneladas.

É preciso ainda notar que, durante a guerra os exércitos consumiam uma percentagem muito grande de açúcar o que redundava em prejuízo do elemento civil, que recebeu uma ração fraca. (*Le Temps*).

**A desmobilização das fábricas de guerra na França.**—No dia em que foi assinado o armistício (11 de novembro) havia empregadas nas fábricas do Estado e nas particulares 1.700.000 pessoas, sendo 420.000 mulheres.

Feito o armistício, iniciou-se a desmobilização tendo já sido destinados aos trabalhos de paz 1.300.000 operários. Algumas das fábricas, mesmo as do Estado, estão-se ocupando do fabrico de vagões de caminho de ferro, como tem lugar em Bourges, onde devem estar em condições de serviço 1.500 até ao fim de abril e 2.500 no fim de junho. Outras fábricas estão construindo material telegráfico e teletónico; ainda outras tem sido aproveitadas para o fabrico de ácido nítrico sintético, cianamida e sulfato de amoníaco, produtos destinados à agricultura, e que tem já dado lugar à baixa do nitrato do Chili.

#### DIVERSOS

**A mortalidade na grande guerra.**—Segundo as estatísticas recentemente publicadas, o número de mortos que caíram nos campos de batalha, ou que morreram em consequência dos ferimentos recebidos, ou como consequência das misérias produzidas pela guerra, ascende a 17,5 milhões. A Inglaterra e Índia, tiveram 898.824 mortos; a França, 1.385.300; a Itália, 506.000 em combate e 300.000 de enfermidades na zona de guerra; a Belgica, 50.000; a America, 67.813; a Servia, 322.000; a Grecia, 15.000; o Montenegro, 50.000; Portugal, 4.000; o Japão, 300; a Rumania, 200.000; a Russia, 1.700.000; a Alemanha, 1.600.000; a Austria, Bulgaria e Turquia, 1.300.000.

Devemos acrescentar aos números indicados uns 4.000.000 de arménios mortos pelos turcos; ainda 1.000.000 de sérvios que morreram vítimas das grandes misérias sofridas; 7.500 mortos pelos submarinos, e finalmente, vítimas da grande epidemia gripo-pneumónica, uns 4.000.000 de pessoas.

# CRÓNICA MARÍTIMA

## Alemanha

**A entrega da esquadra alemã às nações aliadas.** — A grande esquadra britânica (Grand Fleet) acompanhada dos navios norte-americanos e franceses, tomou conta em Firth of Forth, no dia 21 de novembro último, da esquadra alemã, composta de 9 couraçados, 5 cruzadores de batalha, 7 cruzadores ligeiros e 49 caça-torpedeiros, a fim de serem internados, em cumprimento das condições do armistício. Os navios alemães, entraram em Rosyth, sob escolta.

Ficaram ainda por entregar, o couraçado *König*, o cruzador de batalha *Mackensen* e o pequeno cruzador *Dresden* e um caça-torpedeiro, que deveriam ser conduzidos a Inglaterra, no principio de dezembro.

A última série de submersíveis partiu de Heligoland a 29 de novembro, tendo até aí sido entregues 122 submersíveis.

Começou o levantamento de minas no Baltico, podendo já serem atravessados sem piloto, o grande e pequeno Belt, ficando assim livre o caminho para aquéle mar.

Eis a lista dos navios alemães entregues:

Couraçados:

*Friedrich de Grosser, Kaiser, Prinz Regent Luitpold, König Albert, Kaiserin, Kronprinz Wilhelm, Markgraf, Grosser Kurfürst e Bayern.*

Cruzadores de batalha:

*Seydlitz, Derfflinger, Von der Tann, Hindenburg e Moltke.*

Cruzadores ligeiros:

*Karlsruhe, Frankfurt, Emden, Nürnberg, Brummer, Köln e Bremse.*

Entre os 122 submersíveis entregues, figuram 4 mercantes, convertidos em cruzadores; os n.ºs 151 a 155.

Os couraçados entregues, tomaram parte na batalha da Jutlandia. Os cruzadores ligeiros *Emden, Köln e Dresden*, são unidades muito modernas, pois que repetem os nomes de unidades perdidas durante a guerra; são mais velozes e melhor armados que os seus antecessores, parecendo que alguns montam peças de 150<sup>mm</sup>.

**Como veio a derrota da Alemanha?** — É este o título de um artigo publicado no *Berliner Tageblatt*, pelo kapitan zur See D. Persius, em que revela o verdadeiro estado da marinha de guerra, no começo das hostilidades.

Resumindo-o, reconhece-se quanto o público andava enganado, supondo certo o aniquilamento da esquadra inglesa e o successo da guerra submarina, levada a um extraordinario grau de intensidade, depois que fracassaram as

tentativas de paz em fins de 1916, em seguida á célebre mensagem do Presidente Wilson. Ignorava o público, que a esquadra de alto mar, pode-se dizer que não existia havia um ano, e que a famosa frota de submersíveis que devia levar a Inglaterra a capitular, não existia na sua grande parte, senão na imaginação dos seus almirantes.

Referindo-se à batalha de Jutlandia, declara que, essa pretensa vitória alemã, não foi mais do que um *bluff* do Estado Maior, pois se o tempo estivesse claro, nenhum navio alemão conseguiria fugir.

Passando à questão dos submersíveis, afirma que, desde outubro de 1917, o almirantado alemão, foi obrigado, em vista da deficiência de matérias primas, a demolir um grande número de navios de linha, para continuar a construção dos submersíveis. Assim, foram enviados aos estaleiros de demolição, sucessivamente 18 couraçados, 8 guarda-costas, 3 cruzadores-couraçados, e 21 cruzadores protegidos, de modo que no principio de 1918, a esquadra alemã de combate, estava reduzida aos dreadnoughts mais recentes e um pequeno número de cruzadores de batalha.

No ano de 1917, tinham os alemães em abril, 126 submersíveis; em outubro, 146, em dezembro, 137 e em junho de 1918, 113.

No decurso de 1911, a armada alemã, perdeu 66 submersíveis, tendo construído 83, e dos 113 de junho, apenas estavam empregados no serviço effectivo de guerra, um número variável entre 12 e 30%.

Afirma ainda kapitan Persius, que, quando foi declarada a guerra sem treguas, com os submersíveis, não havia o número de unidades necessárias para tal fim. Quando as construções começaram a activar-se pelos fins de 1917, era muito tarde pelo que respeita a grandes submersíveis, que só poderiam estar prontos antes de 1919 ou 1920; na verdade, um submersível de 800 toneladas, necessita cêrca de 20 meses, e às vezes 30 para se concluir; um submersível mais pequeno, de 127 a 267 toneladas, precisava de 13 meses.

Careciam completamente de fundamento as noticias emanadas das estações officiais, de que o pequeno número de perdas no enorme número de submersíveis, era amplamente coberto pelas novas construções.

**Alguns esclarecimentos sôbre as qualidades defensivas dos couraçados alemães.**—Segundo o *Naval and Military Record*, alguns officiais que têm visitado o couraçado *Bayern*, e os navios do tipo *Kaiser* e *Kœnig*, não occultam a sua admiração pelas suas qualidades defensivas. Quem os delineou, tinha, por certo, a intenção de lhe dar um grande grau de resistência, que tornasse muito difficil pô-los fora do combate.

Na classe *Kaiser*, o principio de subdivisão dos compartimentos estanques foi levado a um extraordinario grau, e a circulação por baixo do convés couraçado, torna-se difficil pela multiplicidade das anteparas.

As caldeiras são isoladas em pequenos grupos e, cada grupo de máquinas é separado por grossas anteparas. Três ou quatro tiros directos, dos maiores projecteis, talvez não destruíssem um navio destes.

Notam-se análogas disposições nos cruzadores de batalha. No que respeita à couraça e subdivisões estanques, o *Seydlytz*, parece representar um progresso real sôbre o *Moltke* e *Von der Tann* e um atento exame explica porque resistiram aos terriveis tiros da batalha de Jutlandia.

Segundo o relatório oficial alemão, desta batalha, o *Sützow*, pôde continuar o combate, depois de ter recebido seis tiros directos dos projecteis de 305 e 381<sup>mm</sup> e só se afundou depois de torpeado.

O *Bayern* é dum tipo maior que os da classe *König*. As suas peças de 380<sup>mm</sup> situadas em posição não muito distante do centro, de modo que a prôa e pôpa não são sobrecarregadas com grandes pesos.

As obras mortas destes navios, dá-lhes a aparência dum navio de linha britânico. A torre de comando anterior é protegida com couraça de 400<sup>mm</sup>.

Segundo informa a guarnição do *Bayern*, este navio não entrou mais em acção, havendo razões para supôr que tomou parte na batalha de Jutlandia.

Noticias não oficiais, dão-lhe um deslocamento em plena carga de 31:000 toneladas.

## Espanha

Foram 79, os navios que a Espanha perdeu com a guerra submarina feita pelos alemães. Corresponde a 169:109 toneladas no valor aproximado de 153.663:000 pesetas.

Para compensar a perda destes navios, resolveu o conselho de ministros em 14 de outubro de 1918, depois da negociações com a Alemanha, e com reserva de resolver de futuro algum ponto de desacordo, de tomar posse de alguns vapores alemães, entre os internados nos portos espanhóis. Em virtude de tal determinação, passaram ao serviço da marinha mercanté espanhola, os seguintes vapores alemães: *Javarena*, de 3:387 toneladas; *Euriphis*, de 2:460; *Roma*, de 2:156; *Riga*, de 3:829; *Orefeld*, e *Neuenfelds*, de 5:284.

## Estados Unidos

**Provas do couraçado «New Mexico».** — Foram bastante satisfatorias as provas deste super-dreadnought, tendo feito um successo completo a applicação do sistema de propulsão eléctrica.

A primeira experiência de propulsão eléctrica, foi feita em 1911, no navio carvoeiro *Jupiter*, e tendo-se feito experiência durante 3 anos, não foi possível descobrir defeito algum na sua instalação eléctrica.

É uma satisfação para a marinha, escreve o respectivo ministro, numa carta recentemente publicada, saber-se que, nesta matéria, foi a America inovadora e não imitadora.

O aparelho motor do *New Mexico*, é composto de 2 turboalternadores para a propulsão; 4 electro-motores de corrente alternada de propulsão, um por cada veio, quadro com os interruptores, instrumentos de medida, etc.

O contrato do aparelho motor prevê também outros dois turbo-dinâmos de 300 kilowatts, de corrente contínua, sem condensação, que fornecem a corrente para a excitação e mecanismos auxiliares.

O vapor de descarga destes dois turbo-dinâmos é utilizado para reaquecer a água de alimentação e o que não pode ser utilizado para esse fim, é enviado para as turbinas principais (de baixa pressão).

Os turbo-alternadores principais e de propulsão do *New Mexico*, são bipolares por electro-motores com conexão eléctrica tal, que podem trabalhar com 24 ou 36 polos.

Para a velocidade económica de 15 milhas ou menos, emprega-se um só

turbo-alternador, usando-se para os motores de propulsão a conexão com 36 polos.

Para as velocidades maiores, empregam-se ambos os turbo-alternadores, fazendo-se a conexão dos motores de propulsão com 24 polos. Contudo, um só turbo-alternador parece suficiente para velocidades superiores a 15 milhas, talvez até cerca de 19 milhas.

A variação da velocidade com cada uma das conexões dos motores, obtém-se, variando a velocidade dos turbo-alternadores de propulsão.

O consumo de vapor garantido, compreendendo o consumo total dos motores principais e auxiliares, são os seguintes, correspondendo aos diversos mandamentos:

Com a pressão 17<sup>k</sup>,5 por cm<sup>2</sup> na válvula de admissão :

A 10 milhas .....	6 <sup>k</sup> ,06	de vapor por cavalo-hora
A 15 " .....	5 <sup>k</sup> ,16	" " " " " "
A 19 " .....	5 <sup>k</sup> ,01	" " " " " "
Á máxima velocidade ...	5 <sup>k</sup> ,38	" " " " " "

A toda a força, os helices dão 175 rotações, que era a mais baixa velocidade consentida pelo espaço disponível. Os helices dos navios iguais em tonelagem ao *New Mexico*, providos de turbinas Parsons, dão 240 rotações.

O *New Mexico*, tem um consumo de vapor por cavalo-hora, consideravelmente menor que os couraçados de igual tonelagem e munidos de turbinas Parsons, ou máquinas alternativas.

O peso garantido do aparelho propulsor do *New Mexico*, com exclusão dos auxiliares e aparelho gerador de vapor, é de 530 toneladas.

O peso correspondente com turbinas Parsons, é de 653 toneladas.

O custo contratual do aparelho motor do *New Mexico*, é de 431:000 dollars, havendo a economia de 200:000 dollars sobre o de turbinas Parsons.

Os aparelhos motores de 180:000 caválos que imprimem aos enormes cruzadores de batalha, a velocidade de 35 milhas, com 4 helices a 250 rotações, são também turbo-electricos.

A instalação destes grandes cruzadores prevê 4 turbo-alternadores de 35:000 kilowatts cada um; cada um é acionado por dois electrômetros de indução independente, cada um com 22:500 caválos.

O peso total destes aparelhos propulsores (excepto as caldeiras) é de 1:800 toneladas, das quais 350 são das turbinas.

Recordaremos que o *New Mexico* tem 32:000 toneladas de deslocamento, 21 milhas de marcha e é armado com 12 peças de 356<sup>mm</sup>, e o seu aparelho propulsor electrico desenvolve a força de 37:000 caválos.

Esta magestosa unidade de combate da marinha norte-americana, já está pronta a entrar em serviço.

E' um dos novos colossais dreadnoughts que brevemente serão incorporados na poderosa marinha, cujo progresso e desenvolvimento, vai sendo extraordinario de ano para ano.

## Inglaterra

**Explosão a bordo do monitor «Glatten» — Seu afundamento.** — Pouco antes da última avançada na Belgica, anunciou o Almirantado Britânico, a perda de 50 homens na explosão de um dos monitores ingleses. Sabe-se agora, que essa explosão teve lugar a bordo do monitor *Glatten*, na baía de Dover, cheia de navios de guerra nessa ocasião, entre os quais 4 monitores que deviam tomar parte nas operações ao longo da costa belga, cooperando com a ofensiva terrestre.

Foi ao cair da tarde, que se sentiu uma tremenda explosão a bordo do *Glatten*, nova unidade de tipo grande, em consequência de um violento incendio. Logo rebocadores e numerosas embarcações cercaram o *Glatten*, para receber os feridos; médicos e barcos automoveis de ambulancia desembarcaram as vitimas, que eram depois transportadas para o hospital.

Como não fôsse possível dominar o incendio, que poderia breve atingir os paióis de munições do *Glatten*, e como havia em volta, navios com explosivos (entre os quais, bombas sub-aquáticas) e transportes de munições prontos a partir para França, o vice-almirante Keyes, mandou meter o *Glatten* no fundo, o que se executou com um torpedão lançado por um caça-torpedeiros.

**Navios Q.** — Acêrca dêstes navios a que nos referimos num dos últimos números da nossa *Revista*, diz-nos a *Revista Maritima Italiana*, de dezembro, que estão dois dêles em exposição no Tamisa, o *Hyderabad* e o *Sulfolk Coast*.

Este último, parece um navio carvoeiro; tem 60 metros de comprimento, 7 oficiais e 39 homens de guarnição. Está dividido em compartimentos estanques, e forrado de cortiça e madeira, de modo a poder flutuar algum tempo depois de um torpedeamento.

Depois do torpedeamento, uma parte da gente, a sufficiente para representar a guarnição de um tal tipo de navio, apressa-se a embarcar nos escalegres de salvação; a outra parte esconde-se em sitios previstos, um para o capitão, consistindo numa torre com a aparência de um sarilhão envolvido com um cabo d'aço; dois periscópios dissimulados em chaminés fingidas, permitem explorar o horizonte; as ordens são transmitidas por porta-vozes; dois aparelhos radio-telegráficos, um a vante e outro a ré, comunicam com a antena dissimulada no aparelho do navio.

Uma peça, a que costuma armar à pôpa dos navios mercantes, era então desmascarada, mas outras três peças, duas de 102<sup>mm</sup> e 1 de 76<sup>mm</sup>, estavam dissimuladas dentro de compartimentos desmontáveis em cinco segundos.

Em seguida ao torpedeamento, o navio devia largar vapor, fazendo crêr grave avaria; quando o submersível emergia para se certificar do resultado, era então bombardeado de perto.

# BIBLIOGRAFIA

## I — LIVROS

### França

- 1 PALAT (général) (Pierre Lehautcourt). *La Grande Guerre sur le front occidental. III: Batailles des Ardennes et de la Sambre*; par le générale Palat (Pierre Lehautcourt). Avec 8 cartes. Paris-Nancy, impr.-libr.-édit. Marc Imhaus et René Chapelot. 1918. (30 novembre). In-8, 368 p. Fr. 7,50
- 2 *Provisional Handbook of 75 num, Gun materiel model 1917*. (British) with instructions for its care. November 15, 1918. Tours, impr. A. Mame et fils. 1918. In 8, 32 p.
- 3 *Service des subsistances militaires*. Subsistances militaires en campagne. (Volume arrêté à la date du 1<sup>er</sup> septembre 1918). Limoge, impr.-libr.-édit. Henri Charles-Lavauzelle. Paris, libr. de la même maison, 124, boulevard Saint Germain. 1918. In-8, 106 p.
- 4 *Cavalerie, Paquetage des chevaux*. Volume mis à jour à la date du 20 septembre 1918. Gharles Lavauzelle. Paris. 1918. In-8, 39 p. Cent 75
- 5 *Tables des marées des colonies françaises de l'Atlantique pour l'an 1919*. Paris. Impr. nationale; les agents commissionnés pour la vente des publications du service hydrographique de la marine. 1918. (13 décembre). Petit in-16 iv-127 p. Cent. 50
- 6 VEDRENNE (lieutenant). *Quelques phrases utiles aux officiers en Allemagne*: 1.<sup>o</sup> En tase campagne, a) Renseignements sur la route, b) Interrogatoire d'un prisonnier, c) Interrogatoire d'un suspect; 2.<sup>o</sup> Au cantonnement, a) Arrivée dans une localité, b) Conversation avec les autorités, c) Chez l'habitant. Recueillies par le lieutenant Vedrenne. Paris, impr. Chaix, 20, rue Bergère. 1918. (7 décembre). In-12, 12 p.

### Inglaterra

- 1 *Over the German Lines, and other Sketches illustrating the Life and Work of an Artillery Squadron of the R.A.F. in France*. By «Wings». With an Introduction by «Apteryx». Cr. 8vo, pp. 208. Hodder & S. net 6/
- 2 POTTER (E. C.). *Sea Silhouettes*. The Merchantment and the U-Boats. With Foreword by Admiral Sir Robert Lowry. 8vo, swd., pp. 56. Simkin net 1/
- 3 Ross (Captain Robert B.). *The Fifty-First in France*. Illustrated by Jessie K. Ross. 8vo, pp. 313. Hodder & S. net 10/6

- 4 SPARROW (Geoffrey) and Ross (J. N. Macbean) *On Four Fronts with the Royal Naval Division*. 8vo, pp. 282. *Hodder & S.* net 12/
- 5 STREET (G. S.). *At Home in the War*. Cr. 8vo, pp. 135. *Heinemann* net 12/6
- 6 «*Times*» *Documentary History of the War* (The Vol. VII. Naval.—Part 3. Roy. 8vo, pp. 516. *Times* net 15/
- 7 TIPLADY (Thomas). *The Soul of a Soldier*. Sketches of Life at the Front. Cr. 8vo, pp. 176. *Methuen* net 6/
- 8 WARMAM (W. H.). *The Soldier Colonist*. A Plea for Group Organisation. With 2 chapters by Collin Brooks and an Introduction by the Earl of Selborne. Cr. 8vo, pp. 191. *Chatto & W.* net 5/
- 9 WESTERMAN (Percy F.). *A Lively Bit of the Front*. A Tale of the New Zealand Rifles on the Western Front. Illustrated by Wal Paget. Cr. 8vo, pp. 288. *Blackie* net 5/6
- 10 WESTON (Lt.-Col. C. H.). *Three Years with the New Zealanders*. Cr. 8vo, pp. 256. *Skeffington*. net 6/0
- 11 BANNING (Lieut.-Col. S. T.). *Military Law Made Easy*. 11th edition. «Gale & Polden's Military Series». Cr. 8vo, pp. 345. *Gale & Polden* net 6/
- 12 BARRETT (James W.) and Deane (Lieut. P. E.). *The Australian Army Medical Corps in Egypt*. 8vo, pp. 273. *Lewis & Co* net 12/6
- 13 «*Blighties*» *Ups and Downs in a Home Hospital*. By One of «Those V.A.D's». Cr. 8vo, swd., pp. 80. *Stockwell* net 2/
- 14 BOWES (Joseph). *The Anzac War Trail*. With the Light Horse in Sinai. «*Giarion*» Series. Cr. 8vo, pp. 281. *Oxford P.* net 4/
- 15 *Boy Scout Tests, and How to Pass Them*. Completé by Robert E. Young. Revised and enlarged edition. Cr. 8vo, pp. 710. *J. Brown* net 4/6
- 16 BOYD (Sergt. T. Penleigh). *Salvage*. Folio swd. «*British Australasian*» net 2/6
- 17 BRUCE (Constance). *Humour in Tragedy Hospital Life behind Three Fronts*. By a Canadian Nursing Sister. Illustrated with 64 very original Pen-and-Ink Sketches by the Author. Royal 8vo, pp. 67. *Skeffington* net 3/6
- 18 CABLE (Boyd). *Air Men o' War*. Cr. 8vo, pp. 256. *J. Murray* net 6/
- 19 CABLE (Boyd). *Front Lines*. Cr. 8vo, pp. 32. *J. Murray* net 6/
- 20 *Cavalry of the Air*. By «Flight Commander» Illustrated by Geoffrey Watson. Cr. 8vo, pp. 282. *Burrow* net 16
- 21 *Crusading at Anzac*. Anno Domini 1915. Pictured and Described by Signaller Ellis Silas. Forewords by General Sir Ian Hamilton and General Sir William Birdwood. 2nd edition. Royal 8vo, swd. «*British Australasian*» net 1/
- 22 DANE (Edmund). *British Campaigns in the Nearer East 1914-1918*. From the Outbreak of War with Turkey to the Taking of Jerusalem. 8vo, pp. 346. *Hodder & S.* net 7/6
- 23 DYSON (Will). *Australia at War*. A Winter Record made on the Somme and at Ypres during the Campaigns of 1916 and 1917. With an Introduction by G. K. Ghesterton. Folio swd., pp. 52. *C. Palmer & H.* net 7/5

- 24 EGAN (Eleanor Franklin). *The War in the Cradle of the World*. Mesopotamia. Illustrated. 8vo, pp. 320. *Hodder & S.* net 12/
- 25 FARRER (Reginald). *The Void of War*. Letters from Three Fronts. Cr. 8vo, pp. 295. *Constable* net 6/
- 26 FARROW (Edward S.). *A Dictionary of Military Terms*. Cr. 8vo, pp. 694. *Library Press* net 12/6
- 27 *Fleet Annual and Naval Year Book*. 1918 (The) 4th Great War Number. Compiled by Lionel Yexley. Royal 8vo, swd., pp. 243. *Chapman & H.* net 4/6
- 28 FREEMAN (Lewis R.). *Many Fronts*. Cr. 8vo, pp. 315. *J. Murray* net 6/
- 29 GALTREY (Capt. Sidney) *The Horse and the War*. Illustrated from Drawings by Capt. Lionel Edwards. With a Note by Field-Marshal Sir Douglas Haig. Folio, pp. 131. «*Country Life*» net 6/
- 30 GARSTIN (Den.s.). *The Shilling Soldiers*. With a Preface by Hugh Walpole. Cr. 8vo, pp. 299. *Hodder & S.* net 6/9
- 31 GIBSON (R. H.). *Three Years of Naval Warfare*. 8vo, pp. 338. *Heinemann* net 12/6
- 32 GLEN (Gerrard). *The Army and the Law*. Cr. 8vo. *Oxford P.* net 7/6
- 33 GOURKO (General Basil). *Memories and Impressions of War and Revolution in Russia, 1914-1917*. 8vo, pp. 363. *J. Murray* net 18/
- 34 «*Graphic*» *Souvenir of the German Navy's Surrender*, Nov., 1918 (The) Folio, swd., pp. 32 «*The Graphic*» net 1/5
- 35 *Guide to Keeping Company Accounts in the New Armies*. (Revised to 31st August, 1918). Compiled by Colonel Campbell Todd. Cr. 8vo, swd., pp. 83. *Gale & P.* net 1/6
- 36 HALL (Lieut. Bert). *In the Air*. Three Years on and above Three Fronts. Cr. 8vo, pp. 128. *Hurst & B.* net 2/6
- 37 HAMMERTON (J. A.). *Wrack of War*. Cr. 8vo, pp. 236. *J. Murray* net 6/
- 38 HAY (Ian). *A Welcome to all American Soldiers and Sailors*. 18mo, pp. 47. *American Expeditionary Forces Y.M.C.A.* 6d
- 39 HODSON (James). *The Soul of a Soldier*. Cr. 8vo, swd., pp. 127. *Routledge* net 1/6
- 40 *Iron Times with the Guards*. By an «O.E.» 8vo, pp. 373. *J. Murray* net 9/
- 41 JANÉ (Fred T.). *Silhouettes of British Fighting Ships*. (With Maps and Illustrations). 4th edition. Cr. 8vo, pp. 79. *S. Low* net 1/
- 42 JANE (Fred T.). *Warships at a Glance Silhouettes of the World's Fighting Ships*. 18mo, pp. 93. *S. Low* net 2/6
- 43 JOHNSON (Douglas Wilson). *Topography and Strategy in the War*. 8vo, pp. 222. *Constable* net 10/6
- 44 KEITH (Eric A.). *My Escape from Germany*. Cr. 8vo, pp. 285. *Nisbet* net 6/
- 45 LATZKO (Andreas). *Men in Battle*. Translated by Adele N. Seltzer. 8vo, pp. 237. *Cassell* net 6/
- 46 LYNDALL (Frances). *Hospital Sketches*. Cr. 8vo, pp. 93. *G. Allen & U.* net 2/
- 47 MORGENTHAU (Ambassador Henry). *Secrets of the Bosphorus*. Constantinople, 1913-1916. Gr. 8vo, pp. 286. *Hutchinson* net 8/6

- 48 NEWBOLT (Henry). *Submarine and Anti-Submarine*. Illustrated by Norman Wilkinson. Cr. 8vo, pp. 320. Longmans net 7/6
- 49 *Over «Over There»* By «Wing Adjutant». Cr. 8vo, pp. 217. Cassell net 3/6
- 50 PEARSON (George Eustace). *The Escape of a Princess Pat*. Cr. 8vo, 224. Hutchinson net 6/9
- 51 PERKINS (A. M.). *Between Battles at a Base in France*. 18mo, pp. 128. T. F. Unwin net 2/6
- 52 POLLEN (Arthur Hungerford). *The Navy in Battle*. 8vo, pp. 377. Ghatto & W net 12/6
- 53 RALEIGH (Walter). *England and the War*. Being sundry Addresses delivered during the War and now first Collected Cr. 8vo, pp. 144. Oxford P. net 4/6
- 54 RIMBAUD (Isabelle). *In the Whirlpool of War*. Translated from the French by Archibald Williams. Cr. 8vo, pp. 256. T. F. Unwin net 5/
- 55 SCOTT-MONCRIEFF (C. E.). *On the Track of our Troops in Palestine*. 18mo, pp. 64. Skeffington net 2/6
- 56 SYKES (Rev. H.). *Palestine and Jerusalem. Salient Points in the Geography, History and Present-day Life in the Holy Land. «A Soldier's Handbook»* 3rd and enlarged edition. 18mo, pp. 112. Hodder & S. net 1/6
- 57 SOUZA (Cotint Charles de). *Germany in Defeat. A Strategic History of the War. 4th Phase*. Cr. 8vo, pp. 238. K. Paul net 7/6
- 58 *Tales of Wartime France*. By Contemporary French Writers, illustrating the Spirit of the French People at War. Translated by William L. McPherson. With a Foreword by Frederic R. Coudert. Cr. 8vo, pp. 251. Skeffington net 5/
- 59 YOUNG (Robert E.). *First Steps in Scouting*. Cr. 8vo, swd., pp. 61. J. Brown d4

## II — PERIÓDICOS

### Portugal

- 1 *Anais do Club Militar Naval*, n.º especial dedicado aos Mortos pela Patria, no heroico combate do caça-minas «Augusto de Castilho», contra um submarino alemão em 14 de outubro de 1918. — O combate do «Augusto de Castilho», por Henrique Lopes de Mendonça. O Carvalho Araujo, por Sebastião da Costa. Aos novos (soneto), por C. B. Capitão-tenente de marinha José Botelho de Carvalho Araujo e o Guarda-marinha Carlos Eloy da Motta e Freitas, por V. G. C. Decreto de 29 de Novembro do corrente ano (1918). A festa dos marinheiros.
- 2 *O Instituto*, n.º 11 de novembro de 1918. Demonstraciones geométricas originales, nuevas de los antiguas proposiciones. Historia da instituição da Santa Ordem da Cavalaria e das ordens militares em Portugal, por D. Tomaz de Almeida Manuel de Vilhena. Curiosidades historicas e artisticas. Dois ineditos acerca das ilhas do Faial, Pico, Flores e Corvo.

- 3 *Revista de Artilharia*, n.º 172 a 174, de Outubro a Dezembro de 1918. Assuntos de artilharia a pé. Impressões de Franca (continua). Notas que trouxemos de França (continua). Variedades. Noticiario. Bibliografia.

## Brasil

- 1 *Revista Militar do Brasil*, n.º de novembro de 1918. O novo governo. Pela Defeza Nacional — Em guarda! A Grande Guerra. Observações sobre a tese do capitão Herculano Cunha. The War's Benefits (Proventos de guerra). Gases asfixiantes. Como serão organizados os exércitos do futuro. A reforma compulsoria e a Lei 3.454 de 6 de janeiro de 1908. Parecer do Supremo Tribunal Militar. A proposito de um veto. Legislação. Jurisprudencia. Reminiscencias de uma epoca de civismo nacional (continuação). A Guerra de Canudos. O Estado do Espirito Santo e a Defeza Nacional. Os serviços telegráficos, sua legislação e a Defeza Nacional (continuação). Pontos controversos sobre o descobrimento do Brasil. A «Revista» e a epidemia da «grippe». Os serviços de comunicações e informações. O commissariado. Bibliografia.

## Chile

- 1 *Revista de Marina*, n.º 368 de novembro e dezembro de 1918. El caballero del mar lord Tomas Alejandro Cochrane. El control de las flotas en combate. Construcciones navales. A proposito de los exámenes. El servicio naval aéreo. Preparación de la flota activa. La verdadera historia del motor Liberty. Nuestra ley de Caja de Retiro y Montepio ante el Congreso. Fundamentos del director de torpedos de largo alcance (conclusão). Valvulas termoelectrónicas (continuará). La meteorologia y su importancia. El Departamento de Marina en Estados Unidos. Notas profesionales. Crónica Nacional. Ne-crologia.

## Cuba

- 1 *Boletín del Ejército*, n.º 33 de novembro de 1918. Necesidad de legislar nuevamente sobre el Servicio Militar obligatorio. El juramento de la bandera. Ascensos por seleccion en la marina de los Estados Unidos. La evolucion del ataque y de la defensa. Globos de observação. A gloria y los horrores de Douaumont. Organizacion de una cortina de fuego movil en el ejercito aleman. Problemas organicos militares. Decretos y Resoluciones. Servicio de reclutamiento. Publicaciones recibidas. Bibliografia — N.º 34 de Dezembro de 1918. Reformas necesarias en el ejercito. El dia del caballo. Alemania y el derecho de gentes. La Academia Militar de Wuest Point (Estados Unidos). El regla-

mento de instrucción americano y el fuego de artillería. Decretos y Resoluciones. Servicio de reclutamiento. Publicaciones recibidas. Bibliografía.

## Espanha

- 1 *Estudios militares*, n.º 1 de janeiro de 1919. Un pequeño ensayo de General y una mayor aplicación de jefe, oficial, clase y soldado de infantería (conclusão). Flores del heroísmo. La instrucción de la infantería al comienzo de la guerra de los Siete Años. Organización del Ejército (continuación). Revista extranjera. Revista de la prensa.
- 2 *Memorial de Caballería*, n.º 32 de fevereiro de 1919. Lo ocasional y lo permanente. Estudio critico de la reorganización del Ejército francés antes del comienzo de la guerra europea (conclusión). Comentarios sobre nuestro Reglamento de equitación militar. El cuartel como factor educativo nacional (continuación). Consideraciones sobre eria caballar en la zona pecuaria del 5.º Deposito de caballos sementales. Estudio acerca de la organización del Ejército aleman en la primavera de 1914 (continuación). Revista de Revistas. En la Academia. Colegio de Santiago. Noticias militares. Disposiciones oficiales.
- 3 *Memorial de infantería*, n.º 85 de fevereiro de 1919. La iniciativa en la guerra (continuación). Conquista del macizo de Moranvilliers (conclusión). Sobre enseñanza de la gimnasia (continuación). Impresiones de un curso de tiro en Valdemoro (conclusión). El mariscal Foch. La reina de las armas. Fusil ametrallador alemán, tipo Maxim. El fusil de caza, arma de guerra (con una figura). Los gases asfixiantes. El humo para preservarse de los gases asfixiantes. La granada com carga de aire liquido. Material ligero de campamento (con dos figuras). El ataque a una posición atrincheirada, segun la guerra europea. La fiesta de la Patrona de la infantería. Noticias militares. Revista de Revistas. Bibliografía. Etc.

## Estados- Unidos

- 1 *Journal of the United States Artillery*, n.º de setembro-dezembro de 1918. The Artillery Council of 1887. Camp Gordon Plan. Artillery Coordinate Computation Charts. Probability Chart. Notes on the Use of the Aeroplane in Coast Defense. Liaison. Professional notes. Book Reviews.
- 2 *The International Military Digest*, n.º 1 do vol. 5.º (janeiro 1919).

## Peru

- 1 *Boletín del Ministerio de Guerra y Marina*, n.º 11 de novembro de 1918. El fin de la guerra. Una noche entre los gases asfixiantes. El caballo de armas, potencia y alimentación. Estudios y conclusiones de

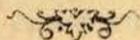
la conferencia quirúrgica inter-aliada (continuación). Las maniobras de caballería. Crónica de la acción de la caballería en la guerra de las naciones (continuación). Ejercicios de servicio en Campaña, aplicados a la artillería de montaña (continuación). Caballería. — 6.ª y 7.ª conferencias. Los elementos de la victoria. La legislación militar en el Peru. Crónica extranjera. Memorandum. Sección oficial. Bibliografía.

### Suissa

- 1 *Revue Militaire Suisse*, n.º 2 de feveireiro de 1919. Quelques idées sur les nécessités de notre armée. La victoire belge des Flandres (28 septembre-30 octobre 1918). La défaite de l'armée allemande. Chronique suisse. Chronique portugaise. Chronique internationale. Bulletin bibliographique.

### Uruguay

- 1 *Revista del Centro Militar y Naval*, n.º 175 de noviembre de 1918. Al fin de la tragedia. Hacia la Paz. Sobre elementos de tiro (continuación). El nuevo oficial de infantería (continuación).



### Estados-Unidos

#### Peru